

Mônica Marli Gomes de Souza

A TV GLOBO NA BAIXADA FLUMINENSE – EM BUSCA DE UM
TELEJORNALISMO COMUNITÁRIO

CFCH / ECO

2006

A TV Globo na Baixada Fluminense. – Em busca de um telejornalismo comunitário.

Mônica Marli Gomes de Souza

Universidade Federal do Rio de Janeiro,
Escola de Comunicação, Graduação em
Comunicação Social, Habilitação em
Jornalismo.

Orientadora: Prof. Ilana Strozenberg
Doutora em Comunicação

Rio de Janeiro
2006

A TV Globo na Baixada Fluminense. – Em busca de um telejornalismo comunitário.

Mônica Marli Gomes de Souza

Monografia submetida ao corpo docente da Escola de Comunicação – ECO da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo.

Aprovado por:

_____ - Orientadora

Profª. Ilana Strozenberg

Doutora em Comunicação, ECO/UFRJ

ECO/UFRJ

Prof. Beatriz Becker

Doutora em Comunicação, ECO/UFRJ

ECO/UFRJ

Prof. Fernando Salis

Doutor em Comunicação, ECO/UFRJ

ECO/UFRJ

Rio de Janeiro

2006

Souza, Mônica Marli Gomes de.

A TV Globo na Baixada Fluminense. – Em busca de um telejornalismo comunitário.

/ Mônica Marli Gomes de Souza – Rio de Janeiro, 2006.

Monografia (Comunicação Social, habilitação em Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Escola de Comunicação - ECO, 2006.

Orientadora: Ilana Strozenberg

1. Base de Jornalismo da Rede Globo na Baixada Fluminense. 2. Telejornalismo.

3. Meios de Comunicação. – Monografia. I. Strozenberg, Ilana (Orient.).

II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escola de Comunicação. III. Título

SOUZA, Mônica Marli Gomes de. A TV Globo na Baixada Fluminense. –

Em busca de um telejornalismo comunitário.

Orientadora: Ilana Strozenberg. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, 2006. Monografia

(Graduação em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo).

Este trabalho discute em que medida os meios de comunicação de grande público, em especial o jornalismo produzido e veiculado pela televisão aberta, podem ter uma atuação mais democrática, abrindo espaço para grupos sociais tradicionalmente excluídos ou abordados de modo superficial e/ou preconceituoso pela grande mídia. O objeto de estudo é a cobertura jornalística da Baixada Fluminense feita pela Rede Globo de Televisão depois que a emissora montou um escritório em Duque de Caxias. A monografia analisa o quadro "O RJ na Baixada", exibido pelo RJTV – 1ª edição desde 25 de abril de 2005, como uma tentativa de usar a televisão como instrumento de cidadania.

SOUZA, Mônica Marli Gomes de. A TV Globo na Baixada Fluminense. –

Em busca de um telejornalismo comunitário.

Orientadora: Ilana Strozenberg. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, 2006. Monografia
(Graduação em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo).

In the present work we discuss to what degree news broadcasted by television networks may perform more democratically, showing subjects that belong to a social stratum usually approached in a superficial and prejudicial manner.

The object of this investigation is the press coverage of Brazilian network Rede Globo at the Baixada Fluminense (greater Rio de Janeiro area), after the inauguration of its studio in the city of Duque de Caxias. The show "RJ na Baixada", being aired since April, 25th., 2005, is analyzed as an attempt to the use of broadcast news as a tool for the improvement of the population's sense of citizenship.

SUMÁRIO

Introdução	1
1. A Indústria Cultural.	
1.1 A Cultura Midiática – Ataques e Defesas.	5
1.2 A TV – O Principal Meio de Comunicação.	11
1.3 Jornalismo e a Construção do Documento Histórico.	15
2. A TV Globo e o Telejornalismo Brasileiro.	
2.1. O Telejornalismo Brasileiro.	19
2.2. A Central Globo de Jornalismo.	24
3. A Base de Jornalismo da Rede Globo na Baixada Fluminense.	
3.1 As influências.	
3.1.1 Civic Journalism.	31
3.1.2 Jornalismo Regional.	34
3.2 O RJTV – 1ª edição.	36
3.3. Direto de Duque de Caxias.	
3.3.1. Colocando em Prática.	38
3.3.2. O Dia-a-dia da Base.	44
3.3.3. O que é notícia?	48
3.3.4. Um ano na Baixada – O Papel do Jornalismo Televisivo.	52
Conclusão	56
Bibliografia	
Anexo 1	

Introdução

A cultura midiática já é uma realidade da era contemporânea, a circulação de conhecimento, informação, valores e idéias se dá, em grande parte, através dos meios de comunicação. Para muitos intelectuais esses veículos são vistos como instrumentos de controle e manipulação do pensamento coletivo, representando monoliticamente a ideologia da classe dominante. Mas, aos poucos, começou-se a perceber que os meios de comunicação, por fazerem parte da indústria cultural, são subordinados as leis da oferta e da procura, logo, além de veicularem os interesses da empresa, também precisam agradar ao público.

Dentre todos os meios de comunicação, a televisão, por ser um veículo muito importante no ponto de vista de sua penetração, desperta a atenção da maioria dos estudiosos de mídia. No Brasil, principalmente por ser um país com forte tradição oral, grande parte de sua população se informa sobre os acontecimentos que estão ocorrendo, no mundo e a seu redor, através da TV. Com o descrédito dos órgãos governamentais, esse meio passou a exercer também um papel de mediador entre a população e as autoridades.

A TV recebe uma enorme cobrança para que sua programação seja educativa e que consiga promover ações que resultem em mudanças positivas para a sociedade. Esse trabalho pretende, então, analisar uma dessas iniciativas que se propõem a conseguir transformar socialmente a vida de uma comunidade: a base de jornalismo da Rede Globo na Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro.

A Baixada Fluminense ocupa quase 70% da área metropolitana do estado. A região tem uma população de 3,6 milhões de habitantes e é formada por treze municípios, entre eles Nova Iguaçu (o maior em extensão) e Duque de Caxias (o mais populoso). A Baixada tem carências graves, principalmente nas áreas de saneamento, saúde, habitação, urbanização, segurança e transporte.

Com um escritório em Duque de Caxias, a Rede Globo passou a noticiar, através do RJTV- 1ª edição, mais frequentemente os assuntos dessa região, que até então quase não tinha espaço na grande mídia. Como os problemas da Baixada Fluminense

adquiriram maior notoriedade, os órgãos governamentais passaram a se empenhar mais para solucioná-los.

O trabalho consiste, em um primeiro momento, numa revisão bibliográfica de alguns dos principais autores que tratam sobre a mídia: Edgar Morin identifica a cultura industrial como um fenômeno evidente de um contexto histórico em que há uma forte presença das massas na vida cotidiana. Umberto Eco introduz o conceito de apocalípticos e integrados, se referindo aos teóricos que divergem no que diz respeito ao conteúdo e a qualidade dos produtos da cultura midiática. Bourdieu mostra como a televisão é um dos principais veículos de entretenimento e de interação do indivíduo com o mundo, afirmando que, por isso, esse meio sofre mais do que todos os outros a pressão do índice de audiência. Carlos Eduardo Lins da Silva e Robert Darnton aparecem como uma contraposição a opiniões de teóricos como os da Escola de Frankfurt, que muitas vezes apresentam opiniões pré-conceituadas referente aos produtos dos meios de comunicação. E Ana Paula Goulart mostra como a mídia, se apoiando no mito da neutralidade e da imparcialidade, está surgindo como um instrumento de construção da memória oficial.

Na segunda etapa optou-se por fazer um resumo histórico do telejornalismo brasileiro, destacando os principais noticiários que, segundo a autora Vera Íris Paternostro, marcaram a TV do país. Entendeu-se também como importante analisar a trajetória jornalística da Rede Globo, já que o tema estudado é parte integrante dessa história. Recorreu-se ao livro *Jornal Nacional: a notícia faz história* do projeto *Memória Globo* para poder conhecer um pouco mais da Central Globo de Jornalismo, a CGJ.

Para a realização do estudo de caso propriamente dito, analisou-se a base de jornalismo na Rede Globo na Baixada fluminense, usando o ponto de vista da empresa através de entrevistas com alguns profissionais da emissora, que de alguma forma estão envolvidos nesse projeto. A pesquisa conta com os depoimentos do diretor de jornalismo do Rio de Janeiro, da editora - chefe do RJTV- 1ª edição, e também dos produtores de reportagem, do coordenador de pauta, da editora e do repórter da base, além de uma observação diária por parte da autora que trabalha, na função de diretora de imagem, no RJTV – 1ª edição.

A monografia é dividida em três capítulos: *A indústria cultural*, *A Globo e o telejornalismo* e *A Base de Jornalismo da Rede Globo na Baixada Fluminense*.

O primeiro capítulo, “*A indústria cultural*”, tem três subdivisões: “*A cultura midiática – Ataques e Defesas*” e “*A TV – o principal meio de comunicação*” e “*Jornalismo e a Construção do Documento Histórico*”. Em “*A cultura midiática – Ataques e Defesas*” disserta-se sobre como os meios de comunicação influenciam na vida social e até que ponto eles são, realmente, apenas instrumentos para a veiculação da ideologia da classe dominante. Introduzindo o conceito de Umberto Eco de “apocalípticos e integrados”, faz-se uma análise do que deve ser levado em conta nas críticas e defesas a esses veículos. Procura-se entender o que tem de importante nas recriminações dos intelectuais aos meios de comunicação e o que é apenas uma resistência a esse novo modo de se comunicar. São analisadas também as demonstrações de validade da nova cultura, tentando separar o que é positivo e o que se resume apenas a um discurso simplista.

O sub-capítulo “*A TV – o principal meio de comunicação*” trata especificamente da televisão, que é o principal veículo de entretenimento e de interação do indivíduo com o mundo. Tenta-se entender como um meio de comunicação pode usar a sua programação como uma forma de promover a transformação social.

O terceiro tema do primeiro capítulo é “*Jornalismo e a Construção do Documento Histórico*”, onde é feito um outro debate relativo aos meios de comunicação, que não tem relação com a “qualidade” ou a estética de seus produtos. Esse item fala sobre a construção da notícia, que através da seleção de aspectos da realidade dão maior visibilidade a determinados fatos e pessoas, fazendo do jornalismo um documento de construção da história.

No segundo capítulo “*A TV Globo e o Telejornalismo Brasileiro*” faz-se uma análise dos noticiários que marcaram a história da televisão do país e também, especificamente, da Central Globo de Jornalismo. Esse capítulo mostra que jornalismo televisivo consegue atingir um número grande de pessoas, pois faz a união da palavra falada com a imagem, para a difusão de notícias, facilitando, assim, o entendimento e consequentemente aproximando o público dos aspectos centrais dos fatos.

O terceiro capítulo começa com uma demonstração de duas tendências do jornalismo mundial que, possivelmente, influenciaram no modo de trabalho da base da Rede Globo na Baixada Fluminense: O “*Civic Journalism*” e “*Jornalismo Regional*”.

O sub-capítulo “*Civic Journalism*”, mostra que através dessa prática jornalística, que começou a ganhar visibilidade no início dos anos 90, nos EUA, a grande imprensa procura dar ênfase a temas relacionados ao cotidiano da sociedade, colocando em pauta os problemas e as possíveis soluções, promovendo, assim, um debate crítico da população com seus governantes.

No outro sub-capítulo - “*Jornalismo Regional*” - explica-se sobre essa forma local de se tratar a notícia, que até bem pouco tempo era vista de forma pejorativa em contraponto às matérias globais. Porém, é lembrado também, que, a cada dia essa tendência vem ganhando mais espaço em todos os meios de comunicação, pois apesar do mundo viver um momento de globalização, o que realmente interessa a maioria da população são os acontecimentos mais próximos, que afetam diretamente a vida dessas pessoas.

Numa segunda etapa, o último capítulo, trata do RJTV-1ª edição, demonstrando que através desse telejornal a Rede Globo tenta fazer uma programação de interesse comunitário numa TV comercial aberta. É no RJ1, através do quadro *O RJ na Baixada*, que a maioria das matérias produzidas no escritório de Duque de Caxias vão ao ar.

Por fim, o capítulo “*A Base de Jornalismo da Rede Globo na Baixada Fluminense*”, trata especificamente do escritório da emissora em Duque de Caxias. Através de uma demonstração de como é o dia-a-dia dos profissionais que atuam diretamente na base, faz-se uma análise do que é levado em consideração na hora de se decidir as notícias que serão veiculadas e como essas reportagens conseguem influenciar diretamente a vida da sociedade da Baixada Fluminense.

Esse trabalho tem como objetivo, através da análise da Base de Jornalismo da Rede Globo na Baixada Fluminense, entender qual é realmente o papel da televisão e em especial do jornalismo televisivo. Como e por que uma emissora com fins lucrativos dedica parte do tempo de sua programação para exibir reportagens de cunho social?

1. A Indústria Cultural

1.1. A Cultura Midiática – Ataques e Defesas.

Edgar Morin define cultura como algo que orienta, desenvolve e domestica certas virtualidades humanas, mas inibe ou proíbe outras, constituindo um corpo complexo de normas, símbolos, mitos e imagens que penetram o indivíduo em sua intimidade, estruturam os instintos, orientam as emoções.¹

Segundo Umberto Eco, a sociedade contemporânea vive num mundo em que a cultura está subordinada aos meios de comunicação, que são elementos centrais na disseminação de valores e idéias.²

De acordo com Edgar Morin, a cultura contemporânea é o fenômeno mais evidente de um contexto histórico em que há uma forte presença das massas na vida cotidiana. As classes subalternas têm acesso aos bens culturais que são produzidos graças a processos industriais. Segundo o autor essa cultura é o produto das técnicas modernas, pois é oriunda do desenvolvimento técnico, industrial, capitalista das sociedades burguesas mais evoluídas.

Edgar Morin afirma que todos os que pertencem à comunidade se tornam, em diferentes medidas, consumidores de uma produção intensiva de mensagens a jato contínuo, elaboradas industrialmente em série, e transmitidas segundo os canais comerciais regidos pelas leis da oferta e da procura.³

Para o autor, a cultura industrial é guiada segundo a lógica do lucro capitalista. É para e pelo lucro que se desenvolvem as novas artes técnicas, contudo, uma vez dado esse impulso, o movimento ultrapassa o capitalismo propriamente dito. Edgar Morin diz que a nova cultura se desenvolve em todos os regimes, tanto no quadro do Estado quanto no da iniciativa privada. Nos sistemas ditos socialistas, o Estado é senhor absoluto,

¹ Morin, Edgar. Cultura de Massas no séc. XX. Rio de Janeiro: Forense, 1967. p. 16 e 17.

² Eco, Umberto. Apocalípticos e Integrados. São Paulo: Perspectiva, 1976. p. 325.

³ Morin, Edgar. Cultura de Massas no séc. XX. Rio de Janeiro: Forense, 1967. p. 93 e 94.

censor, diretor, produtor. A ideologia do Estado pode, portanto, desempenhar um papel capital.

Tanto o sistema privado quanto o sistema público têm a preocupação de atingir o maior número de pessoas possível. O Sistema privado visando o máximo lucro e o sistema do Estado, interesse político e ideológico. O sistema privado quer, antes de tudo, agradar, divertir ao consumidor; adaptando sua cultura ao público. Já o sistema do Estado acaba se tornando afetado, forçado, pois tenta adaptar o público à sua cultura.⁴

De acordo com Edgar Morin, mesmo fora da procura do lucro, todo sistema industrial tende ao crescimento, e toda produção de massa destinada ao consumo tem sua própria lógica, que é a de máximo consumo.

Para o autor, a indústria cultural não escapa a essa lei, mais do que isso, ele acredita que muitas vezes, há uma busca pelo público universal, se dirigindo, assim, efetivamente a todos e a ninguém. De acordo com Morin, essa procura de um público variado implica na procura de uma variedade na informação ou de um denominador comum entre esse público, satisfazendo todos os interesses e gostos e obtendo assim o máximo consumo.⁵

Segundo o teórico, o setor mais dinâmico, mais concentrado da indústria cultural é ao mesmo tempo aquele que efetivamente criou e ganhou "o grande público", a "massa". Isto é, as camadas sociais, as idades e os sexos diferentes.⁶

Para Edgar Morin, a cultura industrial, é na verdade, uma cultura de massas, e assim a define:

“Cultura de massa, isto é, produzida segundo as normas maciças da fabricação industrial; propaganda pelas técnicas de difusão maciça (que um estranho neologismo anglo-latino, chama de mass-media); destinando-se a uma massa social, isto é, um aglomerado gigantesco de indivíduos compreendidos aquém e além das estruturas internas da sociedade (classes, família, etc)”⁷

⁴ Morin, Edgar. Cultura de Massas no séc. XX. Rio de Janeiro: Forense, 1967. p. 25-27.

⁵ Morin, Edgar. Cultura de Massas no séc. XX. Rio de Janeiro: Forense, 1967. p. 37.

⁶ Morin, Edgar. Cultura de Massas no séc. XX. Rio de Janeiro: Forense, 1967. p. 40.

⁷ Morin, Edgar. Cultura de Massa s no séc. XX. Rio de Janeiro: Forense, 1967. p. 16.

Porém, para Robert Darnton, não é certo considerar “o público” como uma entidade dotada de sentido. O autor, baseado em estudos de divulgação, não acredita na audiência como uma “massa” composta por indivíduos atomizados e indiferenciados. Robert Darnton comenta que a direção do jornal “The Times” já trabalha com a hipótese que seus leitores constituem grupos heterogêneos, estimulando, assim, a especialização de seus jornalistas.⁸

De acordo com Carlos Eduardo Lins da Silva, os meios de comunicação são visto por muitos intelectuais, como instrumentos de controle e manipulação do pensamento coletivo que representam monoliticamente a ideologia da classe dominante que faz com que as informações sejam absorvidas de forma pacífica e ordeira por uma estúpida massa de espectadores alienados. Porém, para o autor, o erro nesse tipo de interpretação está na apreensão equivocada da história da cultura humana.

“A impressão que se tem quando se lê Adorno expressando sua incontida ojeriza contra a ‘manipulação comercial’ dos bens culturais produzidos a partir da invenção do rádio, do cinema ou da indústria fonográfica é a de que no passado os produtos artísticos e ideológicos eram realizados por mero diletantismo de pessoas abnegadas. Ao contrário, Bourdieu demonstra que a criação intelectual sempre dependeu materialmente de algum tipo de sustentação que lhe era provida ou por igrejas ou por estados ou por mecenas até que, após a Segunda Revolução Industrial, começou a se ter condições de amparar em seus próprios consumidores, o que lhe garantiria, com o correr do tempo e o crescimento e consolidação do público, autonomia relativa, profissionalização e legitimidade”.⁹

Para Robert Darnton o produto da cultura midiática é uma mistura da ideologia da elite, que tenta influenciar o grande público; com referências da cultura popular, que são usadas na hora de conceber as obras.

⁸ Darnton, Robert. O Beijo de Lamourette. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 81.

⁹ Silva, Carlos Eduardo Lins da. Muito Além do Jardim Botânico. São Paulo: Summus, 1985. p. 20.

“Seria um equívoco conceber a difusão cultural apenas como um processo de ‘passagem gota a gota’, pois as correntes não só descem a partir das elites como também sobem a partir do povo simples”.¹⁰

Para Edgar Morin, os produtos da cultura midiática sofrem resistência por parte da classe intelectual, pois, por estar está estritamente determinado de um lado, por seu caráter industrial, por outro, pelo seu consumo, não poder emergir para a autonomia estética, por isso, é considerada mercadoria cultural ordinária e feia.¹¹

Em *Apocalípticos e Integrados* Umberto Eco fala sobre a invenção da escrita através do mito platônico.

“Mas ao chegar à escrita: “Esta ciência, ó rei, disse Teut; tornará os egípcios mais sábios e aptos para recordar, porque este achado é um remédio útil não só para a memória, como para o saber”. E disse o rei: “Ó artificiosíssimo Teut, uns são hábeis em gerar as artes, outros em julgar a vantagem ou o dano que pode advir a quem delas estiver para servir-se. E assim tu, como pai das letras, na tua benevolência para com elas, afirmaste o contrário do que podem. Ao dispensarem do exercício da memória, elas produzirão, em verdade, o olvido na alma dos que as tenham aprendido, e assim, estes, confiando na escrita, recordarão mediante esses sinais externos, e não por si, mediante seu próprio esforço interior”...”¹²

Este é um exemplo de como toda modificação dos instrumentos culturais sempre é recebida com desconfiança, colocando em crise o “modelo cultural” anterior. O verdadeiro alcance de novos instrumentos só se manifesta depois de analisados no contexto de uma humanidade modificada pelas causas e conseqüências dos mesmos. Foi assim com a escrita, com a imprensa e é o que está acontecendo com os novos instrumentos audiovisuais.

Umberto Eco divide os estudiosos dos meios de Comunicação de Massa em duas vertentes. Os apocalípticos, que são aqueles que não conseguem encontrar nenhum

¹⁰ Darnton, Robert. *O Beijo de Lamourette*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 94 e 95.

¹¹ Morin, Edgar. *Cultura de Massas no séc. XX*. Rio de Janeiro: Forense, 1967. p. 20.

¹² Eco, Umberto. *Apocalípticos e Integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1976. p. 33 e 34.

ponto positivo nesse novo modelo de cultura, que criticam severamente, sem sugerirem nenhum tipo de mudança. E os integrados, que seriam os defensores dos meios de comunicação e que, ao contrário, não os vêem de modo negativo, deixando também de apresentar sugestões para um melhor aproveitamento desses novos meios.¹³

Segundo ao autor, os apocalípticos são contra ao imperialismo do capital e o reino do lucro, eles acreditam que a orientação consumidora destrói a autonomia e a hierarquia estética próprias da cultura cultivada. Umberto Eco, porém, acredita que essas críticas não são válidas se não forem seguidas de sugestões. De acordo com o autor, esses intelectuais erram pelo fato de não tentarem um estudo concreto dos produtos da cultura midiática; investigando as razões pelas quais, na verdade, eles são consumidos. Desse modo, não ajudam os expectadores a saírem do estado de fascinação, mas, pelo contrário, acabam por incentivá-los a hipnose. Eco acredita que a grande aspiração desses críticos, seja a de induzir o povo a não mais fruir desses meios de comunicação, mas o fato de continuarem a exercer uma grande fascinação é, evidentemente, para o autor, uma fatalidade a que a crítica não pode se opor.

"Do momento em que a presente situação de uma sociedade industrial torna ineliminável aquele tipo de relação comunicativa conhecido como conjunto dos meios de massa, qual a ação cultural possível a fim de permitir que esses meios de massa possam veicular valores culturais?"¹⁴

Já os integrados, segundo Eco, são os teóricos que conseguem ver os meios de comunicação de forma positiva, diferentemente dos apocalípticos. Segundo esses autores, a cultura midiática não é típica de um regime capitalista, ela atende às necessidades da era industrial. Os cidadãos participam, com direitos iguais, da vida pública e os grupos no poder, para conseguirem se comunicar com pessoas de diferentes níveis de informação, precisam se adequar à média. Assim, acreditam que a homogeneização do gosto é uma contribuição para eliminar as diferenças sociais.

¹³ Eco, Umberto. Apocalípticos e Integrados. São Paulo: Perspectiva, 1976. p. 39-52.

¹⁴ Eco, Umberto. Apocalípticos e Integrados. São Paulo: Perspectiva, 1976. p. 49.

De acordo com o autor, para os integrados, a televisão, o jornal, o rádio e o cinema colocam os bens culturais à disposição de todos, tornam leve e agradável a absorção das noções e a recepção de informações, sendo um alargamento da área cultural, realizando, a nível amplo, a circulação de uma arte e de uma cultura popular.

Umberto Eco, porém, ressalta que muitos integrados desenvolvem um discurso simplista, de dentro do sistema, ligado aos interesses dos produtores, sem nenhuma perspectiva crítica. Para o autor, eles pecam porque não levam em conta o fato de que a cultura midiática está submetida às leis da oferta e da procura, os produtos dos meios de comunicação são produzidos por grupos de poder econômico com fins lucrativos e realizada por profissionais especializados em fornecer ao cliente o que julgam mais vendável.

Eco diz que os apocalípticos recriminam os meios de comunicação de massa quando misturam, indiscriminadamente, todo tipo de conhecimento, sem se preocupar em distinguir o que é informação, curiosidade ou puro entretenimento. Porém, o autor mostra que para os integrados, essa enorme quantidade de dados sendo bombardeado para um grande número de pessoas, estimula a inteligência e faz com que a quantidade vire qualidade.

"Os mass media oferecem um acervo de informações e dados acerca do universo sem sugerir critérios de discriminação; mas, indiscutivelmente, sensibilizam o homem contemporâneo face ao mundo; e na realidade, as massas submetidas a esse tipo de informação parecem-nos bem mais sensíveis e participantes, no bem e no mal, da vida associada, do que as massas da antiguidade, propensas a reverências tradicionais face a sistemas de valores estáveis e indiscutíveis. Se esta é a época das grandes loucuras totalitárias, também não é a época das grandes mutações sociais e dos renascimentos nacionais dos povos desenvolvidos? Sinal, portanto, de que os grandes canais de comunicação difundem informações indiscriminadas, mas provocam subversões culturais de algum relevo".¹⁵

¹⁵ Eco, Umberto. *Apocalípticos e Integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1976. p. 48.

Umberto Eco mostra, então, que tanto os que atacam quanto os que defendem a cultura midiática, possuem erros e acertos em seus argumentos, pois, segundo o autor, na hora de julgar, o que deve ser levado em conta é o fato de que a nova cultura é um fenômeno inevitável na sociedade moderna, ou seja, não adianta ser discutida a sua existência. O modo como tudo é feito é que deve ser reavaliado. Para Eco, não é correto considerar todo o produto dos meios de comunicação de “má qualidade” e acreditar que não se possa fazer uma cultura subtraída ao condicionamento industrial. É necessário propor soluções para um melhor aproveitamento desses novos meios.

1.2. A TV – O Principal Meio de Comunicação.

Esse debate é especialmente acirrado quando se trata da televisão. Segundo Umberto Eco, parece que, hoje, um país pertence a quem controla os meios de comunicação. De acordo com o autor, agora não só os estudiosos, mas também o grande público está percebendo que vive na era da comunicação. Autores, como McLuhan, chegam a afirmar que a informação não é mais um instrumento para produzir bens econômicos, mas tornou-se ele próprio o principal dos bens.¹⁶

De acordo com Bourdieu, a sociedade moderna vive num mundo em que os meios de comunicação são elementos centrais na disseminação de valores e idéias e um dos grandes fenômenos dessa civilização é a televisão, que está entre os principais veículos de entretenimento e de interação do indivíduo com o mundo. Nas palavras do autor pode-se ter uma idéia de seu alcance “*Com a televisão estamos diante de um instrumento que, teoricamente, possibilita atingir todo o mundo*”.¹⁷

Isso se dá, em parte, porque a TV aberta é a forma de entretenimento mais barata, tanto nas cidades como no campo, pois já está paga de antemão, seja ela usada ou não. Na cidade, tão amedrontada com a violência, ela parece oferecer um entretenimento

¹⁶ Eco, Umberto. Viagem na Irrealidade Cotidiana. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 165.

¹⁷ Bourdieu, Pierre. Sobre a Televisão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p. 18.

seguro, pois diverte na intimidade da própria habitação. E no mundo rural, muitas vezes, é a única forma de divertimento.

Segundo Bourdieu, até mesmo em países como a França, que, diferente do Brasil, tem uma forte tradição letrada, uma grande parcela da população se utiliza apenas da televisão para se ter conhecimento com o mundo exterior, ela tem uma espécie de monopólio sobre a formação das cabeças de uma parcela muito significativa da sociedade.

“Há uma proporção muito importante de pessoas que não lêem nenhum jornal; que estão devotadas de corpo e alma à televisão como fonte única de informações”.¹⁸

No Brasil, país com forte tradição oral, 90% a 92% da população assiste televisão, e outras formas de comunicação, como leitura e cinema, são bem menos procuradas. A quantidade de horas diárias dedicadas a seu uso também é muito grande. Segundo pesquisa feita pelo IBOPE, em 2005, o brasileiro permaneceu em média 5 horas, dois minutos e 25 segundos por dia diante do televisor.¹⁹

A TV provocou uma variação na dinâmica social, os cidadãos dedicam à televisão um tempo que antes eram destinados a outros afazeres. *J.P. Robinson* estudou o comportamento comparativo no uso de televisores e outros aparelhos mais “úteis” nos Estados Unidos, verificando que nem os automóveis ampliaram o tempo dedicado às viagens, nem os eletrodomésticos ampliaram o tempo destinado à arrumação da casa, com a potência com que o televisor incrementou o consumo da comunicação. Com o estudo, concluiu-se que a televisão tem tido maior influência na organização da vida diária do que todas as demais novidades aparecidas no século.²⁰

Segundo Bourdieu, a televisão sofre, mais que todos os outros universos de produção cultural, a pressão do mercado, por intermédio do índice de audiência.

¹⁸ Bourdieu, Pierre. Sobre a Televisão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p. 23.

¹⁹ Garbin, Luciana. **Qualidade na programação: um bem necessário**. Disponível em: <<http://www.midiativa.org.br/>> . Acessado em 07/03/2006

²⁰ Eurausquin, M. Alfonso; Luis Matilla e Miguel Vazquez. Os Teledependentes. São Paulo: Summus, 1983. p. 19.

“Deus oculto desse universo, que reina sobre as consciências, e perder um ponto do índice de audiência, em certos casos, é a morte sem comentários”.²¹

O “índice de audiência” é a medida da taxa de audiência de que se beneficiam as diferentes emissoras. No Brasil, o mais conhecido é o IBOPE que permite verificar o índice de audiência a cada minuto. Dessa forma, os canais conseguem ter um conhecimento muito preciso do que é “vendável” ou não. Essa medida tornou-se o juízo final dos programas de televisão, como identifica Bourdieu.

“Há hoje uma mentalidade – índice – de - audiência nas salas de redação, nas editoras etc. Por toda parte, pensa-se em termos do sucesso comercial”.²²

Para Carlos Eduardo Lins da Silva, entender a programação da televisão como um produto de uma “indústria cultural”, é perfeitamente correto. Porém, ele acredita que esse “rótulo” é carregado de uma conotação pejorativa, que traz problemas aos que querem utilizá-la apenas com intenções descritivas e não valorativas. Carlos Eduardo concorda com pensadores da escola de Frankfurt, como Adorno e Horkheimer, quando afirmam que o produto cultural se transformou em simples mercadoria de consumo. Para esse autor, entretanto, não há razão de scandalizar-se com isso.

“Nada mais natural que a cultura também sofresse os efeitos da Revolução Industrial. Ela é produzida socialmente, não no vácuo. Portanto, sofre os efeitos – ao mesmo tempo em que influencia - do que ocorre na formação social. Se todos os demais produtos no capitalismo são fabricados em série, através da divisão social do trabalho sofisticada, para consumo em larga escala, como poderia ser diferente com os bens culturais?”.²³

²¹ Bourdieu, Pierre. Sobre a Televisão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p. 34.

²² Bourdieu, Pierre. Sobre a Televisão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p. 37.

²³ Silva, Carlos Eduardo Lins da. Muito Além do Jardim Botânico. São Paulo: Summus, 1985. p. 20.

Carlos Eduardo Lins da Silva mostra também, que no interior da indústria cultural há a presença permanente de contradições. Segundo o autor no momento da concepção de um produto cultural, como exemplo um telejornal, há um confronto de interesses entre os donos da empresa e seus funcionários, que não se traduz apenas em reivindicações salariais e de condições de trabalho, mas também em termos do conteúdo ideológico do que irá ao ar.²⁴

O teórico, concordando com as idéias, que serão vistas à frente, defendidas por Umberto Eco²⁵ acrescenta que esse confronto se repete no momento da recepção. Carlos Eduardo Lins da Silva afirma que cada segmento social dará diferentes interpretações e reelaborações ao vir e ouvir o noticiário. Ao observar que existem contradições tanto no momento de produção como no de recepção do telejornal, o autor mostra que a programação televisiva não representa uma manifestação monolítica da ideologia burguesa, assim como também não é consumida de forma uniforme e passiva pela audiência.

Ao discutir a televisão, Umberto Eco afirma que muito dos intelectuais que a criticam, não consideram positiva a difusão cultural através desse meio em nenhum aspecto. Porém, segundo o autor, não é a televisão em si, mas o seu uso, que pode fazer dela um elemento culturalmente positivo ou negativo, afirmando que não há contribuição da técnica humana que não possa ser instrumentalizada quando se tem uma ideologia.

Para o teórico, devido à sua imensa capacidade como ferramenta de comunicação - já que é o meio que tem o público mais vasto e indiferenciado - a televisão pode oferecer inúmeras possibilidades de informação cultural. Isso se verifica tanto para o cidadão das áreas subdesenvolvidas, levando-o ao conhecimento do mundo, quanto para as camadas médias, de um modo geral, agindo como elemento de provocação face à sua tendência à passividade. Cabe aos seus realizadores reconhecerem as possibilidades desse meio.

²⁴ Silva, Carlos Eduardo Lins da. *Muito Além do Jardim Botânico*. São Paulo: Summus, 1985. p. 21.

²⁵ Eco, Umberto. *Viagem na Irrealidade Cotidiana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 167-169.

De acordo com Umberto Eco, na televisão, não são raros os casos em que uma sábia estruturação dos programas produz mutações válidas para o telespectador. Ele acrescenta que isso acontece através de tentativas de um “dirigismo positivo”, fazendo da TV um meio de comunicação que leva uma cultura democrática.

Para esse autor, o grande desafio do mundo moderno, é o de educar os cidadãos para que saibam receber criticamente a programação da televisão. Ele acredita que, só dessa forma, a TV pode passar a ser um extraordinário instrumento de democracia e não uma forma de opressão.²⁶

Eco reconhece que há educadores que manifestam um otimismo mais simples, tendo uma forte confiança no poder do conteúdo da mensagem. Esses pensadores acreditam ser possível operar uma transformação das consciências modificando as transmissões televisivas, esquecendo o fato de que, quem recebe a mensagem pode entendê-la de forma diferente. Segundo o autor, a mensagem muda de acordo com o código que vai ser usado, e a variabilidade das interpretações é a lei constante das comunicações de massa, pois as mensagens partem da fonte e chegam a situações sociológicas diferenciadas.²⁷

Para Umberto Eco, esse tem sido justamente o problema dos meios de comunicação, pois ninguém, salvo em raros casos, controla o modo como o destinatário usa a mensagem.

“A batalha pela sobrevivência do homem como ser responsável na Era da Comunicação não é vencida lá onde a comunicação parte, mas onde ela chega.”²⁸

1.3. Jornalismo e a Construção do Documento Histórico

Um outro debate sobre os meios de comunicação não enfatiza a questão de seus efeitos sobre a estética ou a “qualidade” de seu conteúdo e sim sobre sua

²⁶ Eco, Umberto. *Apocalípticos e Integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1976. p. 358 e 359.

²⁷ Eco, Umberto. *Viagem na Irrealidade Cotidiana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 167-169.

²⁸ Eco, Umberto. *Viagem na Irrealidade Cotidiana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 173.

natureza de documento e instrumento de construção da história. Além da discussão da importância da recepção, essa abordagem reintroduz o debate sobre a produção da notícia.

De acordo com Ana Paula Goulart Ribeiro, com a inserção dos meios de comunicação na sociedade industrial, a história foi perdendo o papel central na construção da memória oficial e a mídia ganhando cada vez mais esse espaço.

Para a autora, a história passou a ser aquilo que aparece nos meios de comunicação, que neste século, ocupam uma posição institucional, onde lhes é conferido o direito de produzir enunciados, que na maioria das vezes, são aceitos como verdade, em relação à realidade da sociedade.

“Se os fatos históricos sempre resultaram dos investimentos semiológicos realizados pela ciência histórica, nas sociedades contemporâneas isso mudou, pois a produção de significado das transformações lingüísticas e translingüísticas da mídia, sobretudo no âmbito do discurso jornalístico”.²⁹

Ana Paula Goulart acredita que a mídia passou a ser o principal lugar de memórias e/ou histórias da sociedade contemporânea, sendo elevada ao estatuto de “porta voz oficial dos acontecimentos e da transformação social”, pois se fortalece como o mito da neutralidade e da imparcialidade, mesmo com toda a crítica que recebe dos teóricos da comunicação e dos próprios jornalistas.

“Ainda hoje, o seu discurso se reveste de uma *aura de fidelidade aos fatos* que nos leva a acreditar que o que ‘deu no jornal’ é a verdade. Além disso, por mais que os estudos provem a não-objetividade jornalística, nunca poderão negar a sua *ancoragem factual*”.³⁰

²⁹ Revista Lugar Comum, estudos de mídia, cultura e democracia, n.11, maio-agosto 2000. Rio de Janeiro: NEPCOM/CFCH/UFRJ, p. 33.

³⁰ Revista Lugar Comum, estudos de mídia, cultura e democracia, n.11, maio-agosto 2000. Rio de Janeiro: NEPCOM/CFCH/UFRJ, p. 34 e 35.

De acordo com a autora, esse mito da neutralidade e da imparcialidade surgiu em meados do séc. XIX, com a idéia do jornalismo informativo, e se fortaleceu com o conceito de objetividade presente nas regras de redação jornalística.

“As regras de redação supostamente retiravam do jornalismo noticioso qualquer caráter emotivo e participante. Para garantir a impessoalidade, impôs-lhe um estilo direto, sem o uso de metáforas. A comunicação jornalística deveria ser, antes de tudo, referencial. O uso da terceira pessoa tornou-se obrigatório, e o modo verbal passou a ser, de preferência, o indicativo. Os adjetivos e as aferições subjetivas teriam de desaparecer, assim como os pontos de exclamação e as reticências. As palavras com funções meramente enfáticas ou eufemísticas também deveriam ser evitadas. Na escolha dos vocábulos, o pressuposto era o de que a denotação referia-se à significação e a conotação, à emoção”.³¹

Ana Paula Goulart acrescenta que, se até então, o jornalismo era o lugar do comentário sobre as questões sociais, da polêmica de idéias, agora ele passa a querer ser o “espelho” da realidade, sendo considerado, muitas vezes, como puro mediador, um observador neutro e desinteressado.

Mas, segundo a autora, nenhum discurso é puro reflexo de uma realidade exterior. Mesmo acreditando que os jornalistas não transgridem a fronteira que separa o real da ficção, a notícia é construída, são selecionados aspectos que vão dar maior visibilidade a determinados fatos e pessoas. Com isso, alguns teóricos preferem chamar o discurso jornalístico, em vez de reprodução, produção do real, pois, se o conceito de deformação ou deturpação do real for aceito, pressupõe-se a existência de algum discurso verdadeiro e objetivo.

A teórica afirma que todo registro é um discurso que possui mecanismo ideológico próprio, não é ingênuo ou descomprometido. Através, até mesmo, do trabalho com a linguagem, há uma tomada de posição, porém a coerência do discurso midiático é

³¹ Revista Lugar Comum, estudos de mídia, cultura e democracia, n.11, maio-agosto 2000. Rio de Janeiro: NEPCOM/CFCH/UFRJ, p. 34 e 35.

o que lhe confere credibilidade e aceitação. Como será discutido nos capítulos seguintes, a televisão e o telejornalismo são instrumentos importantes nesta construção.

2. A TV Globo e o Telejornalismo Brasileiro.

2.1. O Telejornalismo Brasileiro.

De acordo com Alfredo Vizeu, entre todos os meios de comunicação, a televisão ocupa um lugar de destaque, com uma participação decisiva na formação de identidades. O autor acrescenta que os telejornais, para a maioria das pessoas, são o contato com o mundo que as cerca. Por isso, os noticiários televisivos aparecem como o principal programa para a difusão da informação. Alfredo Vizeu afirma que é através dos telejornais que grande parte dos brasileiros tomam conhecimento de assuntos políticos, recebem informações sobre a vida dos artistas e também do cotidiano do homem comum.³²

O telejornalismo é uma forma de comunicação onde as mensagens conseguem atingir um número grande de pessoas, pois a união da palavra falada e da imagem para a difusão de notícias contribui para aproximar o público dos aspectos centrais do acontecimento, facilitando o entendimento.

Segundo Luis Carlos Lopes o telejornalismo consiste em um dos artefatos básicos da programação televisiva do Brasil contemporâneo. As emissoras investem muito neste segmento, que tem público garantido. De acordo com o autor, o telejornalismo transformou-se em um dos gêneros mais universais da transmissão pública de informações, suas características chegam a influenciar os jornais escritos, as revistas e até mesmo as transmissões radiofônicas.

O jornalismo sempre esteve presente na história da televisão brasileira. Atualmente, é um gênero de programa comum a todas as emissoras, que seguem regras similares quanto às faixas de horário, público alvo, seleção de temas, formatos de locução, exibição e uso de imagens e até mesmo a performance pessoal dos âncoras e repórteres.

³² Vizeu, Alfredo. **Decidindo o que é notícia**. Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/vizeu-alfredo-decidindo-noticia-tese.pdf> > Acesso em 04/04/2006

Luis Carlos Lopes mostra que os telejornais brasileiros acompanham a rotina diária da sociedade, coincidindo os horários com os públicos-alvos. De segunda a sexta-feira, começam por volta das sete horas da manhã e terminam no início da madrugada do dia seguinte, só mudando os horários aos sábados e domingos.

“Os telejornais chegam com a luz do sol: dormem, quando o cansaço faz sucumbir ao leito a maioria dos mortais. Recomeçam no dia seguinte, coincidindo com o despertar de parcelas expressivas das classes médias. Os mais pobres acordam mais cedo. Apenas uma emissora, o SBT, tem um telejornal às seis horas da manhã.”³³

O autor conta que a história do telejornalismo brasileiro começa com a importação do modelo radiofônico, em que o locutor falava rapidamente, com voz impostada. Com o passar do tempo, este modelo foi sendo substituído por uma narração mais lenta e pausada. O apresentador, enquadrado pela câmera, fica também como foco da atenção, passando a exercer uma relação de cumplicidade com o público, fazendo uma locução em tom de conversa. Cada vez mais as imagens são valorizadas. A partir do fim da década de 1960, os telejornais incorporaram dos documentários, à voz em *off* e as entrevistas gravadas e ao vivo.

Segundo Vera Íris Paternostro, o telejornalismo brasileiro nasceu praticamente junto à implantação da televisão no País. A primeira transmissão de TV no Brasil ocorreu em 18 de setembro de 1950, foi através da PRF-3-TV Difusora, que mais tarde recebeu o nome de TV Tupi de São Paulo. A emissora pertencia ao jornalista Assis Chateaubriand, ela foi a quarta estação de televisão do mundo e a primeira da América Latina.³⁴ No dia seguinte a sua inauguração estreava o primeiro telejornal do Brasil, chamado *Imagens do Dia*.³⁵

Imagens do Dia entrava no ar entre nove e meia e dez da noite, segundo a autora, o jornal não tinha nenhuma preocupação com a pontualidade. Vera Íris acrescenta que o

³³ Lopes, Luis Carlos. A *parole* do telejornalismo brasileiro. Artigo feito para o 2º Colóquio Canadá-Brasil em Comunicações. ALCA: progresso social e diversidade cultural Université du Québec à Montreal 10 e 11 de outubro de 2005.

³⁴ Paternostro, Vera Íris. O texto na TV: Manual de Telejornalismo. Rio de Janeiro: Campus, 1999. p. 27.

³⁵ Paternostro, Vera Íris. O texto na TV: Manual de Telejornalismo. Rio de Janeiro: Campus, 1999. p. 35.

estilo de narrar deste telejornal ainda era muito parecido com o modelo radiofônico. Rui Resende era o locutor, produtor e redator das notícias. Algumas notas eram cobertas com imagens feitas em película preta e branca, sem som, apenas com a narração em *off*. *Imagens do Dia* ficou no ar pouco mais de um ano. No seu lugar estreou o *Telenotícias Panair*, que, de acordo com Vera Íris, já era pontual, entrava no ar às nove e meia da noite.³⁶

Em 17 de junho de 1953, às oito da noite estreava na TV Tupi de São Paulo, apresentado por Kalil Filho, o *Repórter Esso*, noticiário que já era um marco no jornalismo radiofônico. No ano seguinte os cariocas ganharam a sua versão, apresentada por Gontijo Teodoro. Vera Íris conta que os dois locutores eram muito conhecidos através do rádio, mas, nesse novo telejornal, já começavam a introduzir uma linguagem e uma narrativa mais televisiva, com um texto mais objetivo. De acordo com a autora, na época era muito comum os programas receberem os nomes dos anunciantes que compravam o patrocínio. O *Repórter Esso* ficou no ar por mais de vinte anos e segundo Vera Íris foi um dos programas de maior sucesso da história da televisão brasileira.³⁷

Vera Íris identifica os telejornais que marcaram a história por inserirem novas características na forma de se produzir um noticiário para a televisão.³⁸

O *Edição Extra*, da TV Tupi de São Paulo foi o primeiro telejornal do horário vespertino e, além disso, ele lançou o primeiro repórter de vídeo da TV brasileira.

O *Jornal de Vanguarda*, criado pelo jornalista Fernando Barbosa Lima, foi, segundo a autora, o primeiro telejornal brasileiro que realmente inovou, abandonando o estilo radiofônico. O noticiário estreou em 1962, na TV Excelsior, no Rio, mas também passou pelas TVs Tupi, Globo, Continental e Rio, quando foi retirado do ar pela censura em 1968. De acordo com Paternostro, o *Jornal de Vanguarda* tinha um formato dinâmico e trabalhava com locutores e comentaristas, entre os quais, Cid Moreira, que depois se tornou o mais conhecido apresentador de telejornal da TV Globo e, talvez, da televisão brasileira.³⁹

³⁶ Paternostro, Vera Íris. O texto na TV: Manual de Telejornalismo. Rio de Janeiro: Campus, 1999. p. 35.

³⁷ Paternostro, Vera Íris. O texto na TV: Manual de Telejornalismo. Rio de Janeiro: Campus, 1999. p. 35.

³⁸ Paternostro, Vera Íris. O texto na TV: Manual de Telejornalismo. Rio de Janeiro: Campus, 1999 p. 35.

³⁹ Paternostro, Vera Íris. O texto na TV: Manual de Telejornalismo. Rio de Janeiro: Campus, 1999. p. 36.

O primeiro programa em rede no Brasil foi o *Jornal Nacional* da TV Globo. Ele estreou em 1º de Setembro de 1969 e é o mais antigo telejornal ainda no ar. Vera Íris Paternostro mostra como o *JN* foi um dos telejornais brasileiros que mais trouxe inovações no modo de se produzir esse tipo de programa.

“Foi o primeiro a apresentar reportagens em cores; o primeiro a mostrar imagens, via satélite, de acontecimentos internacionais no mesmo instante em que eles ocorriam. O estilo de linguagem e narrativa e a figura do repórter de vídeo tinham os telejornais americanos como modelo. Implantando os avanços tecnológicos e modificando sua linha editorial de acordo com as circunstâncias, mantém, ainda hoje, a liderança de audiência”.⁴⁰

Segundo a autora, o telejornal que estreou o horário matutino, em 1977, foi o *Bom Dia São Paulo* da TV Globo, voltado para a prestação de serviço. Paternostro comenta que pela primeira vez, no jornalismo diário, foram utilizados repórteres que entravam no ar ao vivo, de vários pontos da cidade, transmitindo informações de serviço como previsão do tempo, fluxo do trânsito, estado dos aeroportos, etc. De acordo com a autora, em pouco tempo, as outras emissoras e afiliadas da Rede Globo também implantaram, no mesmo horário, esse tipo de telejornal regionalizado e, mais tarde, em 1983, a TV Globo lança o *Bom Dia Brasil*, também pela manhã.⁴¹

Em 1980, um programa jornalístico dedicado à mulher estreia na Rede Globo, é o *TV Mulher* que, segundo Vera Íris Paternostro, consagrou como apresentadora de televisão a jornalista Marília Gabriela. De acordo com a autora é a primeira vez que temas como comportamento sexual, direitos e saúde da mulher são debatidos na televisão obtendo bons índices de audiência para a faixa de horário de 8 horas às 11 horas da manhã. Paternostro comenta que o programa foi destaque de primeira página no *New York Times*.⁴²

⁴⁰ Paternostro, Vera Íris. O texto na TV: Manual de Telejornalismo. Rio de Janeiro: Campus, 1999. p. 36.

⁴¹ Paternostro, Vera Íris. O texto na TV: Manual de Telejornalismo. Rio de Janeiro: Campus, 1999. p. 36.

⁴² Paternostro, Vera Íris. O texto na TV: Manual de Telejornalismo. Rio de Janeiro: Campus, 1999. p. 36.

Vera Íris Paternostro conta que a figura do âncora - o jornalista que dirige, apresenta e comenta as notícias do jornal - já tão comum nos telejornais norte-americanos só aparece no Brasil em 4 de setembro de 1988, com a estréia do *TJ Brasil* do Sistema Brasileiro de Televisão – o SBT. De acordo com a autora, Boris Casoy já era um veterano na imprensa escrita, mas não tinha nenhuma experiência em TV. Entretanto, em pouco tempo conseguiu conquistar seu espaço, como comenta Vera Íris Paternostro.

“O tratamento opinativo que imprimiu ao programa representou muitas vezes o sentimento da população. A presença do âncora e a credibilidade jornal suprimiram a deficiência de recursos técnicos da emissora, alavancando a programação do SBT até meados de 1997, quando Boris Casoy e parte de sua equipe se transferiram para a TV Record”.⁴³

Vera Íris Paternostro acrescenta que em maio de 1991 o SBT inova mais uma vez, criando um programa jornalístico, o *Aqui e Agora*, com o objetivo de conquistar a audiência das classes C/D/E. Segundo a autora era um programa de duas horas, com um estilo sensacionalista e apelativo, com reportagens policiais, flagrantes, denúncias, violência e tensão, mas a fórmula cansou e ele acabou saindo do ar em 1997.⁴⁴

A autora cita ainda o *Jornal da Band* que estreou em 1997, marcando a presença do telejornalismo na emissora que tinha o esporte como carro-chefe. De acordo com Vera Íris Paternostro, esse noticiário tem um estilo forte e opinativo, com informações exclusivas e ao vivo.⁴⁵

Segundo Alfredo Vizeu, atualmente, é o telejornalismo regional que está ocupando um espaço cada vez maior no cenário jornalístico do Brasil e do mundo. Essa tendência se explica pelo fato de que as pessoas estão cada vez mais interessadas em saber o que acontece perto da casa e da cidade delas. Esses acontecimentos têm muito mais apelo do que uma notícia distante. Em Porto Alegre, no seminário Internacional de

⁴³ Paternostro, Vera Íris. O texto na TV: Manual de Telejornalismo. Rio de Janeiro: Campus, 1999. p. 37.

⁴⁴ Paternostro, Vera Íris. O texto na TV: Manual de Telejornalismo. Rio de Janeiro: Campus, 1999. p. 37.

⁴⁵ Paternostro, Vera Íris. O texto na TV: Manual de Telejornalismo. Rio de Janeiro: Campus, 1999. p. 37.

Telejornalismo de 1995, durante o debate sobre a regionalização dos programas de televisão, chegou-se à conclusão, de que as pessoas querem soluções para seus problemas mais imediatos e que a televisão é um veículo que pode ajudar no agenciamento das deficiências.⁴⁶

2.2. A Central Globo de Jornalismo.

De acordo com Luis Carlos Lopes, no que se refere aos assuntos brasileiros, o telejornalismo da Rede Globo influencia bastante as pautas do resto da imprensa, propagada pelos mais diversos meios técnicos. E acrescenta que mesmo que determinado tema ou o enfoque apareça primeiro em outras televisões, no rádio, na internet ou na imprensa escrita tradicional, é na Rede Globo que o assunto ganha maior destaque no país devido a sua audiência.⁴⁷

Segundo dados da emissora, a TV Globo tem uma cobertura de 98% do território brasileiro (5445 municípios), seu sinal chega a 99,27% da população brasileira, o que significa um potencial de pouco mais de 178 milhões de expectadores. São 24 horas por dia de programação no ar, através de 121 emissoras entre geradoras e afiliadas. A audiência média da Rede Globo é de 74% de *share*⁴⁸ no horário nobre, 56% no matutino, 59% no vespertino e 69% no horário noturno. Um dos pontos fortes de sua programação são os telejornais, que como a própria empresa define são “a janela da família brasileira para o mundo”.⁴⁹

O primeiro telejornal da TV Globo foi o *Tele Globo*, apresentado por Hilton Gomes e Aluizio Pimentel. Ele estreou no dia 26 de abril de 1965, dia da inauguração do canal. Era um noticiário de meia hora, com duas edições diárias; a primeira às 12h e

⁴⁶ Vizeu, Alfredo. **Decidindo o que é notícia**. Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/vizeu-alfredo-decidindo-noticia-tese.pdf> > Acesso em 04/04/2006

⁴⁷ Lopes, Luis Carlos. A *parole* do telejornalismo brasileiro. Artigo feito para o **2º Colóquio Canadá-Brasil em Comunicações**. ALCA: progresso social e diversidade cultural Université du Québec à Montreal 10 e 11 de outubro de 2005.

⁴⁸ Share é o total de aparelhos ligados no horário.

⁴⁹ <http://institucionaltv.globo.com/inicio.html#> Acesso em: 20/04/2006

a segunda às 19h. Naquela época, o departamento de jornalismo funcionava em apenas uma sala, no Jardim Botânico, Rio de Janeiro, onde era a sede da emissora. A equipe de jornalismo era dirigida por Mauro Salles.⁵⁰

Em janeiro de 1966, o *Tele Globo* passou a ter apenas uma única edição às 13h, foi quando surgiu o *Ultratícias*. Era um jornal que também tinha duas edições. A primeira de cinco minutos às 15h, que ia ao ar de segunda a sexta-feira e era apresentada por Paulo Gil. A segunda tinha a duração de quinze minutos e começava às 19h45, essa era comandada por Hilton Gomes e Irene Ravache. Em setembro o programa ficou apenas com a edição das 19 horas e 45 minutos.⁵¹

O *Ultratícias* era patrocinado pelas empresas Ultragaz e Ultralar e produzido pela agência de publicidade McCann Erickson. Na época era comum as agências interferirem na elaboração e até na orientação dos telejornais.

Segundo Carlos Eduardo Lins da Silva, uma das primeiras coberturas jornalísticas de sucesso da TV Globo aconteceu em janeiro de 1966, logo depois de Walter Clark ter assumido a direção geral da TV Globo, época em que o Rio de Janeiro sofreu as piores inundações e desmoronamentos de sua história. As enchentes foram causadas por cinco dias de fortes chuvas, mais de cem pessoas morreram e vinte mil ficaram desabrigadas. Na época, Walter Clark mandou sua equipe para as ruas, fazendo a cobertura das consequências e veiculando informações importantes para população. Além da ação do jornalismo, a TV Globo participou pela primeira vez de campanha comunitária, centralizando a coleta de doativos em um dos seus estúdios.⁵²

O Jornalismo da TV Globo começou a ganhar força e prestígio quando em setembro de 1966, Armando Nogueira assumiu a direção. Segundo Armando, em entrevista ao jornalista André Bernardo da *TV Press*, ele primeiramente foi convidado por Walter Clark apenas para apresentar um programa de debate esportivo aos moldes "Mesa-Redonda Facit", que ele já comandava na TV Rio, ao lado de Nelson Rodrigues,

⁵⁰ Jornal Nacional: a notícia faz história / Memória Globo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. p. 17 e 18.

⁵¹ Jornal Nacional: a notícia faz história / Memória Globo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. p. 18.

⁵² Silva, Carlos Eduardo Lins. Muito Além do Jardim Botânico. São Paulo: Summus, 1985. p. 31.

João Saldanha e Luís Mendes, mas um mês depois já estava trabalhando para a implantação e o fortalecimento do Telejornalismo da TV Globo.

"O telejornalismo na Globo nasceu do nada. Ainda tentei buscar profissionais nas redações dos jornais, mas ninguém quis trocar o certo pelo duvidoso. O jeito foi recrutar calouros nas faculdades".⁵³

De acordo com Armando Nogueira, naquela época havia um forte preconceito contra a televisão, que era considerada como um veículo de entretenimento e não de informação. Com a necessidade de ampliar o departamento, Armando investiu em jovens profissionais. Uma de suas apostas começou como estagiária e, em pouco tempo, passou a ser seu braço direito. Foi Alice-Maria Tavares Reiniger, que, junto com Armando Nogueira, comandou nos vinte e quatro anos seguintes o jornalismo da Rede Globo.⁵⁴

Uma das primeiras atitudes que o novo diretor tomou foi acabar com o *Ultranotícias*, já que não estava satisfeito com as interferências que esse tipo de telejornalismo sofria. Em seu lugar, ele criou o *Jornal da Globo*, que estreou em março de 1967 às 19h30, apresentado por Luís Jatobá e Hilton Gomes. Em 31 de agosto de 1969 o *Jornal da Globo* saiu do ar e foi substituído pelo *Jornal Nacional* que foi pela primeira vez ao ar em 1º de Setembro de 1969 às 19h45, apresentado por Hilton Gomes e Cid Moreira.⁵⁵

O *Jornal Nacional* foi o primeiro telejornal brasileiro transmitido em rede nacional e algum tempo depois passou a ser o programa de maior audiência da história da televisão brasileira. O telejornal fazia parte de um projeto de Walter Clark e Boni para fazer da emissora a primeira rede de televisão do Brasil. O objetivo era gerar uma programação uniforme para todo o país, diluindo, assim, os custos de produção dos

⁵³ <www.an.com.br > Acesso em 08/05/2006.

⁵⁴ *Jornal Nacional: a notícia faz história / Memória Globo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. p. 18.

⁵⁵ *Jornal Nacional: a notícia faz história / Memória Globo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. p. 24.

programas.⁵⁶ E, como ressalta Vera Íris Paternostro, a época de inovações tecnológicas que o Brasil se encontrava era favorável para tal investimento.

“É nessa época que se constitui a Embratel – Empresa Brasileira de Telecomunicações. A Embratel interliga o Brasil através de linhas básicas de microondas – rotas – e adere ao consórcio internacional para utilização de satélites de telecomunicações – o Intelsat. Estava criada, então, a estrutura para as redes nacionais de televisão”.⁵⁷

No início o *Jornal Nacional* tinha apenas quinze minutos e era transmitido de segunda-feira a sábado. Para se diferenciar do modelo já consagrado pelo *Repórter Esso* da TV Tupi, que sempre terminava com a notícia impactante do dia, o *Jornal Nacional* terminava com informações leves, de conteúdo lírico ou pitoresco, tendência que é seguida até hoje.⁵⁸

Mas, a principal diferença entre os dois telejornais era conceitual. O *JN* era testemunhal, apresentava matérias com a fala dos entrevistados, prática, como explica Armando Nogueira, nem sempre entendida pela direção da Rede Globo.

“Quando acabava o JN, o Walter Clark me chamava na sala dele e dizia assim: ‘Nos contamos no Repórter Esso 20 notícias e no Jornal Nacional só oito’. Considerava-se notícia: ‘O secretário de Saúde disse não sei o quê’. Mas quando a gente colocava a voz do secretário, eles consideravam ma entrevista, não uma notícia. Como o Repórter Esso, no início, tinha mais audiência do que a gente, eles consideravam que eles davam mais notícias. E eu tinha então que explicar que nos estávamos fazendo uma revolução na linguagem televisiva”.⁵⁹

Foi em 1983 que o jornalismo comunitário da emissora começou a ganhar força. Armando Nogueira dividiu a Central Globo de Jornalismo (CGJ) em dois setores: o

⁵⁶ *Jornal Nacional: a notícia faz história / Memória Globo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. p. 18.

⁵⁷ Paternostro, Vera Íris. *O texto na TV: Manual de Telejornalismo*. Rio de Janeiro: Campus, 1999. p. 31.

⁵⁸ *Jornal Nacional: a notícia faz história / Memória Globo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. p. 24-34.

⁵⁹ *Jornal Nacional: a notícia faz história / Memória Globo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. p. 34

comunitário e o de rede. Nessa época que foram criados o Globo Cidade e os telejornais locais *RJTV*, *SPTV*, *MGTV*, *NETV* e *DFTV*.

“A separação entre jornalismo comunitário e de rede era uma tendência natural de organização do Jornalismo, pois a cobertura local tem pouco a ver com a cobertura nacional. Assim como os jornais de rede tinham um responsável encarregado de toda a cobertura nacional, era importante que houvesse uma pessoa que coordenasse a cobertura local de cada praça”.⁶⁰

Em abril de 1990, Armando Nogueira e Alice-Maria deixaram seus cargos, depois de 24 anos. Segundo o jornalista André Bernardo, o motivo pelo qual levou Armando Nogueira sair do comando da Central Globo de Jornalismo foi a tão polêmica edição do debate entre os candidatos à presidência da República Luiz Inácio Lula da Silva e Fernando Collor de Mello durante a campanha para o segundo turno das eleições presidenciais brasileiras de 1989. De acordo com Armando, a responsabilidade foi de Alberico Souza Cruz, que, à sua revelia, omitiu trechos do debate, como a antológica declaração de Collor de que não tinha dinheiro para comprar um videocassete. Armando se diz injustiçado com o acontecido.

"Você já ouviu falar de marido traído? Pois é, fui traído por um subordinado, que diz que não sabe o que aconteceu".⁶¹

Alberico de Souza Cruz, até então o diretor de telejornais de rede, assume o comando da CGJ. Porém, essa mudança na cúpula do Jornalismo da TV Globo não constituiu uma significativa transformação nos noticiários da emissora.⁶²

Em 1995 o departamento sofreu outra mudança de direção, essa com grandes alterações no modo de produzir os telejornais. No lugar de Alberico de Souza Cruz, o Jornalista Evandro Carlos de Andrade assume a direção da CGJ. Evandro comandou o jornal *O Globo* por vinte e quatro anos e foi um dos responsáveis pela modernização do

⁶⁰ Jornal Nacional: a notícia faz história / Memória Globo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. p.122

⁶¹ <www.an.com.br> Acesso em 08/05/2006

⁶² Jornal Nacional: a notícia faz história / Memória Globo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. p.231

diário, que o levou à condição de líder absoluto no Rio de Janeiro e um dos mais importantes jornais do país.⁶³

O novo diretor imprimiu duas grandes marcas no jornalismo da TV Globo, além da criação da *Globo News*, o primeiro canal de notícias brasileiro 24 horas no ar, Evandro designou jornalistas para apresentar todos os telejornais da casa. Foi uma decisão ousada, pois implicava em substituir profissionais que, há muitos anos, tinham sucesso absoluto de público e de crítica. O objetivo da mudança era fazer com que os novos apresentadores se envolvessem com a produção das matérias, assim, as notícias teriam maior credibilidade e haveria um maior dinamismo nas coberturas.⁶⁴

A partir de sua gestão, a linha investigativa nos noticiários da TV Globo passa a ser mais presente, as questões relativas à cidadania ganham mais ênfase e há um fortalecimento do jornalismo comunitário. O novo diretor gostava de repetir a frase: “Mais Brasil e menos Brasília.”, segundo ele, não para diminuir a importância do noticiário político, mas para realçar a política no que ela tinha de importante para a vida dos brasileiros comuns.⁶⁵

Se a TV Globo já tinha uma tradição de jornalismo comunitário que vinha desde 1966, quando cobriu as enchentes no Rio de Janeiro, 1970 com a concepção do *Bom Dia São Paulo* e 1980 com a criação de outros programas especialmente voltados para os problemas locais como o *Globo Comunidade* e os *Praças – TV*, com a chegada de Evandro à direção da CGJ, houve um fortalecimento dessa tendência. Os telejornais passam a ser mais profundos nas investigações e mais incisivos nas denúncias e nas cobranças às autoridades públicas.

O *SP- TV - 1ª edição*, em 1988, foi o primeiro a concretizar esse projeto. O telejornal passou a se voltar mais para a população local, com informações sobre problemas de cada bairro, oferta de empregos e defesa do consumidor. Abriu-se espaço para o público denunciar práticas ilegais e reclamar de empresas, de órgãos do governo

⁶³ Jornal Nacional: a notícia faz história / Memória Globo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. p. 285.

⁶⁴ Jornal Nacional: a notícia faz história / Memória Globo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. p. 287 e 288.

⁶⁵ Jornal Nacional: a notícia faz história / Memória Globo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. p. 288 e 289.

e de concessionárias de serviços públicos. Segundo ao atual diretor da CGJ, Carlos Henrique Schroder, o índice de solução dos problemas apresentados foi muito alto, mais de 90% dos primeiros casos levantados no telejornal foram resolvidos. Com o grande sucesso, a CGJ resolveu, logo no ano seguinte, aplicar o mesmo modelo no Rio de Janeiro e com o tempo em todos os telejornais locais.⁶⁶

Evandro Carlos de Andrade morreu aos 69 anos, no dia 25 de junho de 2001. Três dias depois, Carlos Henrique Schoroder, que era diretor de planejamento da central, assume o comando da Central Globo de Jornalismo, dando continuidade ao trabalho de seu antecessor. Em entrevista ao projeto memória Globo o apresentador William Bonner comentou a transição:

“No início o Schroder optou por manter todas as normas que o Evandro havia implantado. Evidentemente que uma ou outra novidade editorial surgiu. O que houve foi um ‘ajuste fino’ de procedimentos... Porque, afinal, foi Schoroder quem operacionalizou o projeto do Evandro. Para ele, era muito fácil manter as normas anteriores porque comungava com elas”.⁶⁷

Schoroder ainda está no comando da Central Globo de Jornalismo, que, atualmente conta com 600 equipes de reportagem entre emissoras e afiliadas; e mais de 4.600 profissionais envolvidos na produção diária dos telejornais, programas e eventos jornalísticos.⁶⁸

O mais recente produto da CGJ é o Globo Notícia, que estreou no dia 04 de abril de 2005. O telejornal tem aproximadamente três minutos e vai ao ar de segunda a sexta-feira, em duas edições e aos sábados e domingos numa única edição.⁶⁹

⁶⁶ Jornal Nacional: a notícia faz história / Memória Globo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. p. 299.

⁶⁷ Jornal Nacional: a notícia faz história / Memória Globo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. p. 333 e 334.

⁶⁸ <www.globo.com/estagiar> Acesso em: 20/04/2006

⁶⁹ <<http://pt.wikipedia.org/>> Acesso em: 10/05/2006

3. A Base de Jornalismo da Rede Globo na Baixada Fluminense

3.1. As Influências

3.1.1. “Civic Journalism”

No início da década de 90, nos Estados Unidos, começou a se expandir e ganhar força uma nova forma de trabalhar com a notícia, que tenta fazer dela um meio para melhor servir aos cidadãos. É um jornalismo com perfil comunitário, mas desenvolvido pela grande imprensa. É o chamado *civic journalism*.

Segundo Luis Martins da Silva, o *civic journalism* se baseia no princípio de que a missão do jornalismo e dos jornalistas não se limita aos fatos e às notícias, mas, mais do que isso, exige engajamento nas soluções dos problemas reportados e noticiados.⁷⁰

Para o autor, o *civic journalism* é um elo entre os cidadãos e os problemas da comunidade. Luis Martins da Silva comenta que os jornalistas e as empresas jornalísticas que não se contentam em apenas noticiar os fatos, mas que querem também se envolver com a busca das soluções, vêm nessa nova forma de trabalhar, um meio para conseguir realizar o que consideram como o dever do jornalismo. De acordo com o autor, através do *civic Journalism* esses profissionais criam laços diretos com os cidadãos, com as comunidades e com suas mobilizações, promovendo assim, a superação da sensação de impotência e alienação dessas pessoas. Porém, Luis Martins da Silva ressalta que, por vezes, travam-se acaloradas polêmicas em torno do *civic journalism* em decorrência da visão tradicional de que o papel dos jornalistas é investigar os fatos e noticiá-los, parando aí a sua missão.

Segundo o autor, esse movimento vem se expandindo há mais de uma década e já tem enfrentado questionamentos, mas ainda não teve uma tradução definitiva aqui no Brasil.

⁷⁰ Silva, Luis Martins. *Civic Journalism. Um gênero que o Brasil começa a conhecer*. Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/>> Acessado em: 20/03/2006.

“Ao pé da letra, civic journalism seria jornalismo cívico, mas o sentido mais apropriado seria o de ‘jornalismo público’, que também não é satisfatório, pois tanto pode dar a idéia de uma espécie de jornalismo chapa branca, como pode ser confrontado com a constatação tautológica de que qualquer jornalismo é público. ‘Jornalismo cidadão’ também seria uma boa maneira de transpor o conceito, mas ainda incompleta, pois a relação entre mídia e cidadania não tem dependido apenas das iniciativas da comunidade, mas, sobretudo de empresas e organizações. Ou seja, tradicionalmente, o civic journalism tem sido praticado por meio de grandes projetos da iniciativa privada e não propriamente pela mídia comunitária, embora o jornalismo comunitário muito se assemelhe aos propósitos do civic journalism”.⁷¹

Uma das principais instituições do gênero é o Pew Center for Civic Journalism, de Washington, criado pelo pioneiro The Pew Charitable Trusts of Philadelphia. Esta organização tomou a iniciativa, em 1933, de explorar diversas formas de encorajar os cidadãos a se envolver nas soluções de seus problemas comunitários. O projeto ajuda organizações midiáticas a servir melhor suas comunidades, eles oferecem idéias e apoio financeiro, incentivando os meios de comunicação a realizar coberturas mais profundas sobre questões comunitárias.⁷²

De acordo com Luis Martins, grandes empresas jornalísticas estão praticando o Civic Journalism quando resolvem dedicar sistematicamente pelo menos parte do tempo de suas cobertura a causas públicas. O autor lembra que esse movimento se distingue de uma simples campanha, pois não se trata apenas de uma série de reportagens sobre um problema social, mas sim, da adoção permanente de uma ou mais causas públicas por um meio de comunicação. O *civic journalism* se caracteriza pela existência e manutenção de um vínculo social por parte do veículo.⁷³

⁷¹ <<http://unb.br/fac/sos/artigos/civicjournalism.htm>> Acessado em 01/04/2006

⁷² <www.pewcenter.org> Acessado em 01/04/2006

⁷³ Silva, Luis Martins. *Civic Journalism. Um gênero que o Brasil começa a conhecer*. Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/>> Acessado em: 20/03/2006.

Diferentemente do que acontece na maioria das redações jornalísticas, onde apenas o conflito é valorizado, nos meios que adotaram o preceito do *civic journalism*, há também a cobertura de consensos, inclusão de matérias sobre soluções e experiências bem-sucedidas.

Esses “novos” jornalistas buscam sondar as instâncias em que as pessoas concordam, bem como as que elas discordam, relatam casos de sucesso, assim como de fracasso. As matérias retratam histórias particulares, mas que reflitam também os problemas de outros, buscando exemplos que tiveram êxito em algum lugar para poderem ser usados nas comunidades em que estão atuando.⁷⁴

Luis Martins da Silva mostra que a diferença do *civic journalism* e do jornalismo praticado pela comunidade está nos interesses de quem produz. O segundo é praticado por uma determinada comunidade e voltado exclusivamente para os interesses desse grupo. Já o primeiro, apesar de abordar temas comunitários, é desenvolvido pelos meios de comunicação comerciais, logo atende, em primeiro lugar, aos objetivos destes veículos.⁷⁵

Um dos principais motivos que mantêm a atividade do *civic journalism*, nos EUA, e faz com que ela vá se expandindo pelo mundo, é o fato de que essa nova forma de fazer jornalismo traz recompensas para os veículos que a adotam. Através de suas práticas, consegue-se mais facilmente uma comunicação entre a empresa e a comunidade, resultando assim, numa melhor cobertura das questões relevantes à cidadania; e, conseqüentemente aumentando sua credibilidade. De acordo com as considerações de Jan Schaffer, no Fórum Mundial de Editores, em 1998, os jornais americanos que praticam o *civic journalism* tiveram ganhos na vendagem de exemplares e a audiência de telejornais e programas de rádio obtiveram aumento significativo.⁷⁶

⁷⁴ Lozza, Carmen. **Para pensarmos sobre formas diferentes de se conceber a notícia.** Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/infoglobo/quemlesabe/Diversos/pp22.htm>>. Acessado em: 21/04/2006.

⁷⁵ Silva, Luis Martins. **Civic Journalism. Um gênero que o Brasil começa a conhecer.** Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/>> Acessado em: 20/03/2006.

⁷⁶ <www.pewcenter.org> Acessado em: 01/04/2006

3.1.2. Jornalismo Regional

A cada dia aumenta o número de edições regionais dos meios de comunicação. No Rio de Janeiro, o jornal *O Dia* tem edições na Baixada Fluminense e no interior do estado e o jornal *O Globo* possui suplementos de bairros (Zona Sul, Zona Norte, Ilha etc.). Em Minas, um bom exemplo é *O Jornal dos Sports* que tem uma edição voltada, exclusivamente, para os mineiros. Em São Paulo, *A Folha* faz o suplemento *Folha Campinas* para a região. E a revista *Veja* tem as *Vejinhas* em vários estados.

Segundo o jornalista Fábio Altman até bem pouco tempo o jornalismo regional era visto de forma pejorativa, pois havia uma idéia de que não era sério, diferentemente do que se pensava sobre os temas globais, os assuntos que tratavam de um país inteiro, do mundo todo. Mas, de acordo com o jornalista essa visão vem mudando:

“Percebeu-se, aos poucos, que as pessoas se interessam mais pelo aparelho de telefone que está dentro de casa do que pelo problema da Embratel; querem saber não somente da crise de energia elétrica, mas se, ao ligar o interruptor, a luz se acenderá ou não”.⁷⁷

Segundo Alfredo Vizeu, é através do jornalismo regional, que os meios de comunicação se aproximam cada vez mais da população, por darem ênfase a temas locais relacionados ao cotidiano de uma determinada comunidade e colocarem em pauta os problemas dos moradores e as possíveis soluções. De acordo com o autor, essa tendência se apóia na idéia de que apesar do mundo viver um momento de globalização, o que realmente interessa a maioria dos leitores e expectadores são os fatos que estão acontecendo ao seu redor.⁷⁸

O autor comenta que em estado no Brasil, o megaempresário da comunicação Rupert Murdoch, ao ser perguntado por um repórter sobre qual a recomendação que

⁷⁷ Programa *N de Notícia* (Globo News) de 01/04/2001

⁷⁸ Vizeu, Alfredo. **Decidindo o que é notícia**. Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/vizeu-alfredo-decidindo-noticia-tese.pdf> > Acessado em: 04/04/2006.

daria para um jornal ter sucesso, foi taxativo na resposta: “*o que segura o jornal são as notícias locais. É isso que toca a vida das pessoas*”.⁷⁹

Robert Darnton, em seu livro *O Beijo de Lamourette*, discute o fato de que os leitores se identificam muito mais com os acontecimentos a sua volta, e por isso se interessam bem mais por esse tipo de matéria. Ao narrar sua trajetória como jornalista no *The Times*, o autor conta que no começo de sua carreira, quando cobria a delegacia de Newark em Nova Jersy, ele escreveu muitas matérias, mas sem que seu nome aparecesse em nenhuma delas. Robert comenta que sua primeira reportagem assinada e de sucesso foi sobre um assunto que a primeira vista poderia parecer desinteressante: Um menino que teve sua bicicleta roubada num parque. Porém, o jornalista afirma que a notícia teve muito efeito, principalmente na rua onde o menino morava. De acordo com o autor, o policiamento no parque foi reforçado e até uma “vaquinha” entre os vizinhos foi feita para ajudar o garoto a comprar uma nova bicicleta.⁸⁰

Voltando a realidade brasileira, Alfredo Vizeu acrescenta que em países como o Brasil, onde há um descrédito da sociedade nos órgãos governamentais, a mídia se apresenta, cada vez mais, como um espaço fundamental de mediação entre poder público e sociedade civil, um lugar onde a população pode se expressar e manifestar seus direitos e deveres.⁸¹

O telejornalismo, sendo a junção do mais importante meio de comunicação no ponto de vista de sua penetração, como o estilo de programa onde a informação é o principal produto, surge, então, como a ponte entre a população e as autoridades.

Alfredo Vizeu relata que no Seminário Internacional de Telejornalismo, realizado em 1995, em Porto Alegre, durante o debate sobre a TV regional, chegou-se à conclusão de que esse tipo de telejornal é um veículo que pode ajudar na solução dos problemas das grandes cidades. Um dos participantes do encontro, Roberto Appel, que na época era diretor de telejornalismo e programação da RBSTV de Porto Alegre,

⁷⁹ Vizeu apud RODRIGUES, Antônio Carlos Seidl Fernando. Murdoch recomenda mais notícias locais. **Folha de São Paulo**, Caderno Dinheiro, 19 de setembro de 1995. p. 5.

⁸⁰ Darnton, Robert. *O Beijo de Lamourette*. Rio de Janeiro: Companhia das letras, 1990. p. 93 e 94.

⁸¹ Vizeu, Alfredo. **Decidindo o que é notícia**. Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/vizeu-alfredo-decidindo-noticia-tese.pdf> > Acessado em: 04/04/2006

afirmou que os acontecimentos locais têm muito mais apelo do que uma notícia distante, pois exercem mudanças diretas na vida do telespectador e é exatamente o que essas pessoas esperam: soluções imediatas para seus problemas.⁸²

3.2. O RJTV – 1ª edição

A Editoria Rio é a divisão da Central Globo de Jornalismo responsável pelos jornais locais do Estado. O departamento é formado por um diretor Regional (Renato Ribeiro), uma chefe de redação (Márcia Monteiro), um chefe de reportagem (Marcelo Moreira), um chefe de produção (Juarez Passos), além de três sub-chefes de reportagem, quatro editores-chefes, doze editores, dezenove produtores, vinte e três repórteres e quatro apresentadores, além da equipe técnica, operacional e artística. A Editoria Rio além de ser responsável pelo do RJTV – 1ª edição também faz a produção do *RJTV - 2ª edição*, *Bom Dia Rio* e *Globo Comunidade*.⁸³

O *RJTV* foi ao ar pela primeira vez em janeiro de 1983 para mostrar as principais notícias da cidade e de todo o Estado. O jornal tinha apenas dez minutos e ia ao ar antes do *Jornal Nacional*, dividido em três blocos. O sucesso foi tão grande que, seis meses depois, passou a ter duas edições: uma na hora do almoço e a outra mantida antes do *Jornal Nacional*. Dois meses depois o *RJTV* ganhou uma terceira edição que ia ao ar por volta das vinte e três horas. Hoje, o telejornal, que é transmitido para os municípios da Região Metropolitana do Rio, tem duas edições, uma ao meio-dia e outra às dezenove horas. O *RJTV - 1ª edição* tem em média quarenta minutos, enquanto o *RJTV - 2ª edição* tem vinte minutos.⁸⁴

Com novo formato desde janeiro de 2000 - que explora os debates entre a população e as autoridades - o *RJTV- 1ª edição* procura ajudar a resolver os problemas do Rio de Janeiro com campanhas e discussões, cobrando soluções para melhorar o cotidiano da cidade e ajudando os cariocas e fluminenses a exercer sua cidadania.

⁸² Vizeu, Alfredo. **Decidindo o que é notícia**. Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/vizeu-alfredo-decidindo-noticia-tese.pdf> > Acessado em: 04/04/2006

⁸³ <www.globo.com/rjtv> Acessado em: 02/05/2006

⁸⁴ <www.globo.com/rjtv> Acessado em: 02/05/2006

Segundo Cecília Mendes, editora - chefe do telejornal, o *RJI* tem como prioridades a informação e a prestação de serviços ao cidadão. A editora comenta que o noticiário busca levar ao telespectador, de Segunda a Sábado, os principais acontecimentos da véspera e da manhã daquele dia.

“São as chamadas notícias factuais, as quais buscamos divulgar com isenção e equilíbrio, sempre abrindo espaço para todos que todos envolvidos apresentem sua versão sobre o fato”.⁸⁵

De acordo com Cecília Mendes, além das notícias factuais há também uma variedade de quadros voltados à prestação de serviços. Como, por exemplo, as colunas: *Emprego* – que traz as dicas de oportunidades de trabalho, cursos de capacitação profissional e informações sobre o mercado; *Bem-Estar* – onde são mostradas orientações para uma vida saudável; *Direito do Cidadão* - que aborda assuntos de interesse do consumidor, com reportagem e entrevista no estúdio com representantes da Defensoria Pública, Procon ou OAB e *RJ nos Bairros* - quadro em que além de serem mostrados os problemas comunitários também são cobradas soluções das autoridades; entre outras.

Para a editora - chefe, O *RJTV – 1ª edição* traz as notícias que mexem mais diretamente com o dia-a-dia da população. “No jornal o telespectador vê e entende o que acontece ao lado da casa dele, na rua, na cidade, no estado onde ele mora”.⁸⁶

O *RJI* é o principal destino das matérias produzidas pelo escritório da Rede Globo em Duque de Caxias. Através do quadro *O RJ na Baixada*, que vai ao ar desde o dia 25 de abril de 2005, o telejornal abriu um canal de comunicação permanente entre a emissora e os moradores daquela região. As notícias da base correspondem hoje a pelo menos 20 por cento da produção diária do noticiário, com ancoragem ao vivo.⁸⁷

Cecília Mendes acredita que essa é uma situação inédita para aquela região, que muitas vezes se via excluída dos principais noticiários. A editora completa que, hoje,

⁸⁵ Cecília Mendes em entrevista realizada no dia 12/06/2006

⁸⁶ Cecília Mendes em entrevista realizada no dia 12/06/2006

⁸⁷ Cecília Mendes em entrevista realizada no dia 12/06/2006

uma notícia da Baixada Fluminense é apurada, produzida e transmitida da própria Baixada. Com isso, os moradores se sentem mais próximos das equipes e vêm respeitado o direito de serem ouvidos.

Segundo Cecília Mendes, a base de jornalismo da Baixada Fluminense é uma conquista da população, do *RJTV* e da Editoria Rio que, de acordo com a editora, é um projeto pioneiro que ampliou significativamente a cobertura de notícias de uma área de extrema importância (social e econômica) para o estado e para o país.

3.3. Direto de Duque de Caxias

3.3.1. Colocando em Prática

Apesar dos muitos problemas que enfrenta e o esvaziamento dos últimos anos, a Baixada Fluminense ainda concentra uma grande parte das indústrias e de outros setores importantes da economia do Rio. A região representa quase 6% do estado, segundo fontes do IBGE, ocupa quase 70% da região metropolitana do Rio e sua população é de 3,6 milhões de habitantes, 24% da população do estado. Com 3235 quilômetros quadrados, ela é formada por 13 municípios: Itaguaí, Paracambi, Seropédica, Japeri, Queimados, Nova Iguaçu – o maior município - Mesquita, Nilópolis, São João de Meriti, Belford Roxo, Duque de Caxias - o mais populoso – Magé e Guapimirim.⁸⁸

O *RJTV* abre a sua primeira edição do dia 25 de abril de 2005 apresentando a nova base de jornalismo da Rede Globo em Duque de Caxias, dedicada somente aos assuntos da Baixada Fluminense. Nesse dia o apresentador Marcio Gomes ancorou o jornal da Praça Roberto Silveira:

“Direto da Praça Roberto Silveira, no Centro de Caxias, esse vinte e cinco de abril marca uma nova fase da cobertura do *RJTV* na Baixada. Uma fase de aproximação ainda maior com uma região que tem carências graves,

⁸⁸ <www.globo.com/rjtv> Acessado em: 02/05/2006

mas que também mostra grande potencial de crescimento. A partir de hoje, a redação do RJTV dedicada aos assuntos da Baixada, já está trabalhando. E estamos numa área importante de Duque de Caxias, o município com o maior número de moradores da região. Daqui podemos ver o Fórum, a delegacia, a câmara de vereadores e o antigo prédio da prefeitura”.⁸⁹

A idéia da base veio do diretor de jornalismo do Rio de Janeiro da TV Globo, Renato Ribeiro. Segundo o diretor, o conceito surgiu da necessidade de se ampliar o noticiário nessa região que era muito mal atendida, e para uma melhor cobertura seria preciso montar uma estrutura própria que facilitasse o trabalho e desse volume de informação.

“... a gente geralmente ia para lá quando acontecia algum crime, mas não tinha uma cobertura constante, não tinha um plano de cobertura para aquela área, como a gente tem para a zona sul como a gente tem na zona norte, como a gente tem em Niterói, então, foi com base nessa necessidade, de ampliar o universo do noticiário do Rio de Janeiro, que a gente resolveu montar o escritório da baixada”.⁹⁰

Juarez Passos, chefe de produção e coordenador de pauta dos assuntos da Baixada, concorda, dizendo, que a região é muito carente e tem pouca visibilidade na mídia, então, o propósito da base é estar justamente mais próximo daquela região, servindo como um dos “braços” do jornalismo comunitário da empresa.⁹¹

De acordo com Renato, a escolha de Duque de Caxias como base para o escritório da Baixada, aconteceu pela proximidade, já que o acesso pela linha vermelha é fácil, e também pela importância da cidade, que segundo a editora Maria José Sanches, foi o município que teve o melhor desempenho econômico do estado, segundo pesquisa realizada pela fundação CID. Maria José Sanches acrescenta ainda que Caixas foi a

⁸⁹ Cabeça que Marcio Gomes leu na abertura do RJTV do dia 25/04/2005, dia da estréia da base de jornalismo na Baixada.

⁹⁰ Renato Ribeiro em entrevista realizada no dia 16/05/2006

⁹¹ Juarez Passos em entrevista realizada no dia 08/06/2006

região que mais cresceu economicamente, por causa do pólo petroquímico e das empresas que começaram ali.⁹²

Para Renato Ribeiro, o grande diferencial da base, que aumenta o prestígio do noticiário, é a ancoragem ao vivo feita na Praça Roberto Silveira no *RJTV – 1ª edição*. O diretor comenta que esse local foi escolhido por ser uma referência no bairro. Ele acredita que a estátua de Roberto Silveira faz com que todos os moradores da região reconheçam que o jornal está em Caxias, se identificando com o programa, e quem é de fora, de tanto ver, acaba aprendendo a reconhecer essa referência.

Maria José Sanches acrescenta que com uma equipe ao vivo durante o telejornal se tem a possibilidade de noticiar um acontecimento no momento em que ele está ocorrendo. A editora comenta que o repórter, o cinegrafista e toda a parte técnica ficam preparados do início ao fim do *RJTV*. Dessa forma, se houver uma notícia de última hora todos estão prontos e o fato pode ser noticiado, mesmo que seja por uma nota.⁹³

Porém, para realizar o jornal no meio da população, a equipe precisa vencer um desafio, os “papagaios de pirata”, isto é, as pessoas que ficam atrás do repórter e dos entrevistados para aparecer na televisão. O diretor Renato Ribeiro diz que essa curiosidade do povo é normal, porém, o único cuidado que se deve tomar é com a interferência como cartazes e ruídos, pois acabam atrapalhando o trabalho.

A repórter Gabriela de Palhano ficou durante 15 dias atuando na base, substituindo o repórter titular, Vandrey Pereira, ausente em licença médica. Mesmo nesse curto período ela já tem histórias para contar sobre os “papagaios de pirata”:

“A gente estava gravando a passagem e uma kombi parou do lado da gente e ficou com o motor ligado. Aí eu falei ‘O senhor vai ficar aí, o senhor está querendo passar por aqui?’ Ele falou: ‘Não eu quero ver você falar’. Respondi ‘então está bom, mas desliga o motor para não atrapalhar’. Então ele desligou. Quando eu comecei a gravar desceu um palhaço, vestido de palhaço com as botas enormes, correndo, para passar atrás da gente”.⁹⁴

⁹² Maria José Sanches em entrevista no dia 16/05/2006

⁹³ Maria José Sanches em entrevista no dia 08/06/2006

⁹⁴ Gabriela de Palhano em entrevista no dia 16/05/2006

Segundo Gabriela, contando pode até parecer engraçado, mas essas pessoas acabam estragando as tarefas dos repórteres. Ela ainda acrescenta que o pessoal que fica querendo aparecer todo dia, impede que os telespectadores vejam as pessoas comuns que passam normalmente pela praça, não sendo possível, assim, retratar o dia-a-dia daquele lugar.

Renato Ribeiro recomenda que a equipe converse com esses indivíduos com toda a humildade, não parecendo arrogante, para que eles não pensem que a TV Globo tem o direito de estar ali e eles não. O diretor acredita que isso seja um problema de conscientização. Segundo Renato, essas pessoas devem entender a importância desse trabalho, que é um benefício para própria população. Se atrapalharem o trabalho dos jornalistas, eles acabam perdendo a chance de ter a região noticiada.

Mas, o diretor garante que os resultados que a base de jornalismo está gerando são ótimos. Além de ter o noticiário fortalecido, o *RJTV*, provavelmente, também agregou uma grande audiência com o público da Baixada que nunca se via na televisão e agora se vê todos os dias. Renato Ribeiro não tem números isolados sobre a audiência da Baixada, por não haver esse tipo de medição específica, mas garante que, no geral, a audiência do jornal aumentou bastante. Renato Ribeiro afirma que o retorno da população é maravilhoso. Além de e-mails e telefonemas, o site do *RJTV* vive cheio de mensagens de agradecimentos.

O produtor de reportagens Valter Nascimento conta que a base já recebeu uma placa em homenagem à quantidade de problemas que o *RJTV* ajudou a solucionar, vinda da associação de moradores de Caxias.⁹⁵

A produtora Cristiane Laranjeiras comenta que em quase todas as mensagens e e-mails recebidos, se destaca o fato de que nunca houve uma iniciativa como essa naquela região da cidade. *“Eles mandam retorno por e-mail, mensagem de agradecimento, que ‘nunca teve isso aqui’”*.⁹⁶ Valter acredita que o sucesso do projeto se dá justamente por esse ineditismo. Ele ressalta que a Baixada Fluminense esteve ausente das grandes

⁹⁵ Valter Nascimento em entrevista no dia 16/05/2006

⁹⁶ Cristiane Laranjeiras em entrevista no dia 16/05/2006

mídias durante décadas e que nunca se pensou que uma emissora de televisão, do porte da TV Globo, pudesse, um dia, ter uma sucursal ali. E Valter completa:

“Quem um dia pensou que a primeira emissora do país e a quarta do mundo teria uma base na Baixada? Cara, isso é fantástico”.⁹⁷

Vandrey Pereira, o repórter titular da base, conta que, na maioria das vezes, a Rede Globo é muito bem recebida pela população, em alguns lugares a comunidade é tão carente de voz, que não deixa a equipe ir embora. *“Às vezes me sinto um astro internacional. Fotos, autógrafos, abraços.”* Porém, o repórter comenta que existem outros lugares onde a recepção é complicada, pois existem bairros onde a população, também muito carente, não entende que é impossível estar em dois lugares ao mesmo tempo.

“Sinto-me como um político que prometeu e não cumpriu. Somos uma única equipe e quando deixamos de cobrir um fato para cobrir outro, algumas pessoas nos criticam fortemente, perguntam se somos comprados ou simplesmente gritam: ‘Chegaram tarde demais!’”.⁹⁸

A repórter Gabriela de Palhano acredita que devido à carência de acesso ao poder público e aos benefícios de direito - como saúde, transporte e segurança do povo da Baixada - a TV Globo acaba sendo vista como uma ponte para chegar aos governantes. *“Eles sentem que eles podem fazer mais reivindicações, porque o problema deles vai ser mostrado”*.⁹⁹

A editora Maria José Sanches conta que a base passou a ser usada como um porta-voz da população, que liga todos os dias para pedir solução para os problemas de seus bairros. A editora acrescenta que o interessante é que, embora os cidadãos garantam que, na maioria das vezes, a prefeitura já havia prometido resolver o caso, nada havia sido feito. A única esperança que tinham era que com a visibilidade dos problemas na

⁹⁷ Valter Nascimento em entrevista no dia 16/05/2006

⁹⁸ Vandrey Pereira em entrevista no dia 11/06/2006

⁹⁹ Gabriela de Palhano em entrevista no dia 16/05/2006

televisão, alguma providência pudesse ser tomada.¹⁰⁰

Renato Ribeiro confirma que é através do RJTV que os moradores passam a ter acesso às autoridades: o programa leva as reclamações e as respostas. Segundo ele, essa prática gera ao mesmo tempo um bom resultado jornalístico e um bom resultado social para a população.

O diretor Renato Ribeiro entende que a partir do momento em que o povo passa a aparecer na televisão, fazendo suas reclamações e reivindicações, as autoridades começam a respeitar um pouco mais as suas necessidades, adotando procedimentos diferentes em relação às responsabilidades públicas de cuidar da cidade e das comunidades. Começam a dar respostas aos problemas que, muitas vezes, não tinham sequer algum tipo de cobrança.

Maria José Sanches acredita que as autoridades têm um programa de governo, que trabalham independentemente de aparecer na mídia, mas sabe que alguns lugares são sempre esquecidos. Para ela, são esses locais, na maioria das vezes na periferia, que devem ser mostrados.

O produtor Valter Nascimento admite saber que ainda há muito o que fazer por parte das autoridades municipais da Baixada, mas garante que, com a presença da Rede Globo na região, os problemas são resolvidos muito mais rápido.

“Através de nossas reportagens, ruas foram asfaltadas, estradas importantes foram pavimentadas, a saúde melhorou seus atendimentos, bem como a educação e o transporte”.¹⁰¹

Valter acredita que muitas vezes as prefeituras não faziam nada porque não havia cobrança intensa. Mas, segundo o jornalista, com a transmissão diária da Rede Globo e a cobrança intensa ao poder público essa realidade está mudando. De acordo com o produtor essa mudança pode ser percebida através dos e-mails que os telespectadores enviam contando os resultados obtidos depois da veiculação de matérias.

¹⁰⁰ Maria José Sanches em entrevista no dia 16/05/2006

¹⁰¹ Valter Nascimento em entrevista no dia 16/05/2006

3.3.2. O Dia-a-dia da Base

De acordo com Renato Ribeiro, a maioria dos profissionais que compõe a equipe da base são moradores da Baixada, seguindo, assim, a filosofia de trabalho adotada na criação do escritório de Caxias, que é de acabar com os longos percursos e as dificuldades que eram enfrentadas para levar as reportagens para o Rio e exibi-las. Maria José Sanches acrescenta que essas pessoas, por morarem na região, vivenciam os problemas junto com os moradores, ficando mais fácil chegar perto da realidade deles. *“Eles estão lá na rua e o vizinho fala: ‘olha, aconteceu isso comigo’. A gente está mais perto do problema”*.¹⁰²

Para a editora não basta ficar esperando que os moradores façam as reclamações, é necessário estar sempre circulando pela Baixada para conseguir sentir melhor os problemas que a população de lá enfrenta. Ela exemplifica contando que o apresentador Marcio Gomes, quando foi fazer a ancoragem de um ano da base, percebeu o problema de poluição que o lugar sofria. Depois de uma conversa com os moradores que estavam na praça, ele viu que havia uma demanda e já sugeriu uma reportagem. Segundo Maria José Sanches vendo a realidade de perto fica bem mais fácil perceber as necessidades.

A produtora Cristiane Laranjeiras acha que é fundamental que os jornalistas da base já conheçam a região. Ela explica que, diferentemente do que ocorre com a redação do Rio, os moradores da Baixada ainda não têm o hábito de ligar para o escritório relatando os problemas do lugar. Assim, se o produtor já não tiver suas fontes, seus contatos, o trabalho fica bem mais complicado.

A equipe de produção da base é formada por dois produtores de reportagem, Valter Nascimento e Cristiane Laranjeiras e um estagiário, Eduardo Teixeira.

Valter Nascimento é morador de Duque de Caxias. O produtor conta que é de origem pobre, que trabalha desde os nove anos de idade para ajudar a família. Sua carreira na Red Globo começou em 1997. A irmã de Valter trabalhava na emissora como telefonista e ficou sabendo de uma vaga para auxiliar administrativo na redação de

¹⁰² Maria José Sanches em entrevista no dia 16/05/2006

jornalismo. Depois de ficar três meses cobrindo férias, Valter foi efetivado. Ao tomar conhecimento que a TV custeava 80% da faculdade de seus funcionários, Valter resolveu cursar Jornalismo na “*Univercidade*”. De acordo com ele, ainda como estudante, já participava de matérias investigativas, usando as micro – câmeras, apurava notícias e saía para gravar sonoras. Ao concluir o curso foi promovido à apuração de reportagens e em seguida à produção. Segundo Valter, quando surgiu o projeto da base na Baixada, o diretor Renato Ribeiro o convidou para atuar na produção do escritório de Caxias, justamente por ser da região.

Cristiane Laranjeiras morou em Nova Iguaçu até 1996, quando tinha 25 anos. Atualmente reside na tijuca, mas sua família está na Baixada até hoje. A produtora trabalha na Rede Globo há um ano e acredita que foi convidada para integrar a equipe do escritório de Caxias por já ter trabalhado na sucursal do Jornal *O DIA* na Baixada e no *Jornal de Hoje*, também da região.

O estagiário Eduardo Teixeira é estudante do último período de jornalismo da UFRJ. Segundo Eduardo, ele foi selecionado para estagiar na Rede Globo, para ocupar a vaga do escritório de Caxias, justamente por ser morador da Baixada. O estagiário conta que é a primeira oportunidade que está tendo de trabalhar na grande mídia e admite que é bem diferente do jornalismo que aprendeu na faculdade. De acordo com Eduardo, no mundo acadêmico existe um modelo a ser seguido, mas só na prática é que se consegue vivenciar a correria do dia-a-dia.

“Coisas que você nunca tinha pensado, que não julgava importante, você acaba vendo que para a produção da matéria, pelo menos para televisão, é muito importante. Às vezes uma matéria deixa de ser feita porque você não pensou num caminho melhor, aí teve um atraso, a luz caiu e a matéria acabou.”¹⁰³

Valter é o primeiro produtor a chegar à base. Seu horário de trabalho é de sete da manhã às duas da tarde, mas, segundo ele, só “teoricamente”. Valter garante que fica até mais tarde porque é “doido por notícia”.

¹⁰³ Eduardo Teixeira em entrevista no dia 16/05/2006

Assim que chega ao escritório, o produtor lê os jornais do dia, faz seus primeiros contatos com os colegas de profissão de outras mídias, liga para os batalhões de polícia, bombeiros, hospitais e para a defesa civil para saber dos últimos acontecimentos. O produtor explica que na redação do Rio de Janeiro, existe a “escuta”, um rádio de polícia que monitora, por exemplo, a faixa dos batalhões. No escritório da Baixada, como, a princípio, foi pensado para funcionar apenas como produção, sem se preocupar com o factual, o aparelho não existe. A “ronda” então tem que ser feita por telefone.

O estagiário Eduardo Teixeira começa a trabalhar às oito da manhã. Além dos trabalhos que Eduardo classifica como “normais” (ronda, apuração e produção de matérias), o estagiário ajuda também na marcação e até gravação de eventuais entrevistas, já que nessa hora o repórter ainda não chegou.

Cristiane trabalha de meio dia às vinte horas. A produtora chega para acompanhar o *RJTV*, verifica as matérias que vão ser dadas e checa se há alguma pendência para aquela edição. Depois que o jornal sai do ar, ela começa a produção das reportagens para o dia seguinte. Se houver algum factual importante, a pauta é oferecida para o *RJTV* – 2ª edição do mesmo dia.

Valter Nascimento conta que ele, Cristiane e Eduardo procuram sempre dividir as pautas que vão ser produzidas, independente de quem foi a sugestão. De acordo com Valter isso acontece porque o importante é aparecer o trabalho da base como um todo.

Cristiane comenta que o mais interessante de se trabalhar no escritório de Caxias é a oportunidade de poder estar em contato com todas as etapas da produção de um telejornal, o que não acontece na emissora. Segundo a produtora, na Baixada, eles ficam em contato direto com o repórter, possibilitando, assim, uma troca entre quem produziu a matéria e quem vai executá-la. *“A gente bate uma bola com o repórter, já explica mais ou menos o que a gente pensou, dá uma sugestão ou outra”*.¹⁰⁴

A produtora continua mostrando que o contato com a equipe de engenharia também traz uma experiência que não é possível de se adquirir trabalhando no Rio. Na Baixada a parte técnica fica bem ao lado da redação, possibilitando que os produtores acompanhem todo o processo de emissão e recepção de matérias, além da transmissão

¹⁰⁴ Cristiane Laranjeiras em entrevista no dia 16/05/2006

ao vivo. Cristiane ressalta o fato de que, diferentemente dos produtores do Rio, os da Baixada conseguem acompanhar o trabalho que estão fazendo até o final.

“Todas as entradas a gente acompanha como é feito, a gente conversa com os entrevistados antes, e isso o produtor do Rio não tem oportunidade de fazer, aqui na baixada a gente tem. O produtor lá, ele vai para rua também, mas ele não participa assim do dia-a-dia daquilo ali que ele está produzindo. Ele produziu e pronto, ele não tem um acompanhamento direto, ele não está com o repórter na rua, lá no ponto de vivo, vendo como é que é feito. Aqui a gente tem o contato com o técnico, aqui a gente vê como ele faz a geração das matérias para o Rio. É uma coisa que dá para acompanhar todas as etapas do que a gente está fazendo e isso eu acho bacana.”¹⁰⁵

Além dos produtores trabalham também na Baixada um repórter, Vandrey Pereira e um repórter cinematográfico, Vilson Ferreira.

Para o repórter Vandrey Pereira, que trabalhava há quase cinco anos na afiliada da Rede Globo em Resende, interior sul do Rio de Janeiro, o convite que recebeu para trabalhar na base da Baixada foi uma das maiores e mais agradáveis surpresas que já teve. Segundo o repórter, foi o próprio Renato Ribeiro, que por telefone, fez o convite, dois dias depois do carnaval de 2005.

“Eu nunca havia falado com ele antes e nem o conhecia pessoalmente. O convite foi a maior prova de reconhecimento que eu já tive. Ele me contratou sem nunca ter falado comigo. Apenas conhecia como eu trabalhava”.¹⁰⁶

Vandrey Pereira conta que quando soube que o desafio era a Baixada Fluminense, ficou surpreso, pois não sabia nada do projeto, mas ao mesmo tempo se sentiu muito motivado ao perceber que era algo diferente de tudo o que já havia sido feito.

¹⁰⁵ Cristiane Laranjeiras em entrevista realizada no dia 16/05/2006

¹⁰⁶ Vandrey Pereira em entrevista realizada no dia 11/06/2006

“Não fazemos apenas um simples vivo. A proposta é ancorar as notícias da Baixada, dar uma cara a essa região. Temos o compromisso de sempre trazer reportagens daqui, sempre. Mesmo que o RJTV tenha apenas dois minutos, um vai ser da Baixada”.¹⁰⁷

O repórter chega à base às 10 horas, olha o espelho do jornal, ajuda na edição de algumas notas já apuradas e tenta reduzir ao máximo os textos para o ao vivo, pois diferentemente dos apresentadores que ficam no estúdio, Vandrey Pereira não conta com a ajuda de um *teleprompter*¹⁰⁸ na hora de dar as notícias. De acordo com o repórter, à tarde, depois do *RJ1*, começam as gravações para as reportagens do dia seguinte, ou se houver algum factual, a produção é feita para o *RJ2*. Vandrey comenta que são pelo menos dez horas de trabalho por dia.

3.3.3. O que é Notícia?

Segundo o diretor de jornalismo Renato Ribeiro, o escritório da Rede Globo em Caxias deve ser usado como uma espécie de filial da emissora na Baixada, com independência para apurar, fazer reportagens e transmitir as notícias de lá, evitando também desgastes desnecessários de locomoção e dinheiro. O diretor afirma que a ida para a Baixada tem o objetivo de mostrar, além das notícias do dia-a-dia, uma cobertura completa do lugar.

“Fazer uma radiografia de uma região pobre, mas que tem necessidades e que tem qualidade de vida também, tem qualidade de cultura, tem história, uma história muito bem fundamentada e que a gente dificilmente ia explorar”.¹⁰⁹

¹⁰⁷ Vandrey Pereira em entrevista realizada no dia 11/06/2006

¹⁰⁸ Teleprompter é um aparelho que chegou ao Brasil em 1972 (vindo dos EUA) e que tem como função "rodar" o texto ao ser lido pelos apresentadores de um telejornal, o que faz com que eles não tirem os olhos das câmaras.

¹⁰⁹ Renato Ribeiro em entrevista realizada no dia 16/05/2006

Mas, Renato Ribeiro ressalta que a cobertura deve ser feita com “imparcialidade” jornalística. O diretor afirma que não é pelo fato de estarem na Baixada, fazendo reportagens que atendem ao público que as matérias devem ser tendenciosas, dando voz a um só lado. É necessário sempre ouvir o poder público também.

“Questionamentos a gente pode. Cobrança a gente pode. Imparcialidade é fundamental. Imparcialidade jornalística. A gente trabalha pelo o bem público, pela informação que tenha todos os lados”.¹¹⁰

Porém, de acordo com o produtor de reportagens Valter, na maioria das vezes, só se pode entrar em contato com as autoridades quando a reportagem já está sendo feita. O produtor explica que freqüentemente, o poder público ao saber que a equipe da TV Globo vai estar denunciando alguma irregularidade, eles vão ao local e resolvem o problema, que normalmente eram de anos, antes da veiculação da matéria.¹¹¹

Segundo Cristiane Laranjeiras, diariamente, os produtores do escritório de Caxias participam da reunião de pauta do *RJTV – 1ª edição*, que acontece às 13 horas, via rádio ou telefone com os profissionais do Rio de Janeiro. Só depois que os assuntos são aprovados é que os jornalistas da base começam a produzir as matérias.¹¹²

Maria José Sanches comenta que boas reportagens são aquelas que afetam a comunidade. A editora explica que na Baixada há uma preocupação em se fazer um retrato do que acontece na região, mostrando tanto os problemas quanto os exemplos positivos a serem seguidos pela população.

A editora lembra que se deve pensar no jornal de uma forma completa, incluindo a base nesse todo. Maria José Sanches explica que se está sendo feita uma reportagem no Rio de Janeiro, ou em uma outra região que o *RJTV* cubra, e se existe um problema parecido na Baixada, isso dá uma boa pauta.

¹¹⁰ Renato Ribeiro em entrevista realizada no dia 16/05/2006

¹¹¹ Valter Nascimento em entrevista realizada no dia 16/05/2006

¹¹² Cristiane Laranjeiras em entrevista realizada no dia 16/05/2006

“A Baixada não é uma coisa segmentada, faz parte do mesmo processo. Por isso que tem essa preocupação, de mostrar, de ter matérias interligadas, casadas, a escolha das matérias também passam por isso”.¹¹³

De acordo com Valter nascimento, semanalmente, às terças-feiras, acontece uma reunião na própria base. Os produtores do escritório de Caxias apresentam sugestões de reportagem ao diretor regional de jornalismo, a editora de texto e o coordenador de pauta. Esses três últimos profissionais citados trabalham na emissora, no Rio de Janeiro, mas nesse dia participam dessa reunião no próprio escritório de Caxias.

Juarez Passos explica que nessa reunião semanal é feita também uma análise dos assuntos que estão sendo mais ou menos abordados no telejornal. O coordenador de pauta mostra que os assuntos devem ser variados e que é necessário também equilibrar a cobertura em todos os municípios da região.¹¹⁴

Cristiane Laranjeiras comenta que o *RJTV-1ª edição* é um jornal voltado para a comunidade, portanto, a orientação na hora de buscar as notícias é pensar sempre no que afeta a muitas pessoas. Segundo a produtora, a idéia é procurar sempre assuntos mais amplos, que não retratem os problemas de apenas um município. “*Se é um problema que existe em todos os municípios, a gente abre esse leque e fala do problema de uma forma geral*”. De acordo com Cristiane, dessa forma, as respostas das autoridades chegam mais rápidas e são mais enérgicas.¹¹⁵

A Repórter Gabriela de Palhano conta, porém, que o diretor de jornalismo Renato Ribeiro cobra para que o *RJ na Baixada* não seja visto como a “TV tapa buraco”. Para ele, é necessário sempre estar mostrando matérias que exemplifiquem iniciativas, muitas vezes até individuais, mas que foram suficientes para mudar a realidade de um lugar.

“Eu fiz uma matéria assim, era um atleta de vôlei de praia lá em Nova Iguaçu. Ele quis ajudar a comunidade, fez um

¹¹³ Maria José Sanches em entrevista realizada no dia 08/06/2006

¹¹⁴ Juarez Passos em entrevista realizada no dia 08/06/2006

¹¹⁵ Cristiane Laranjeiras em entrevista realizada no dia 16/05/2006

projeto que hoje dá super certo e que tem a ajuda de iniciativas privadas”.¹¹⁶

Segundo Renato Ribeiro não se têm um tempo rigidamente delimitado para ser dedicado as matérias da base dentro do *RJTV-1ª edição*. Mas o diretor garante que há um volume muito grande de notícias da região, maior do que já houve em todos os tempos, mais ou menos 20% do jornal é dedicado à Baixada. Renato acrescenta que, mais relevante que o tempo, é o peso editorial que é dado às reportagens, a importância que se dá aos assuntos da região.

Renato Ribeiro lembra, porém, que é preciso se ter consciência do que realmente é notícia e o que são apenas fatos corriqueiros que não são suficientemente relevantes para serem veiculados. O diretor exemplifica a questão falando da reportagem que foi dada no dia 12/05/2006 sobre um ônibus em Nilópolis que bateu numa árvore e ninguém sofreu nada.¹¹⁷

Renato Ribeiro diz que esse tipo de matéria é inadmissível, para ele, o fato de estarem com uma estrutura na Baixada não faz com que seja obrigatória a veiculação indiscriminada de fatos da região.

O produtor Valter Nascimento comenta que apesar da prioridade de produção ser do *RJ1* e também do *RJ2*, o escritório está lá para atender a todo o jornalismo da TV Globo. Cristiane completa, informando que é o coordenador de pauta que organiza toda a produção, orientando a linha jornalística que deve ser seguida cada matéria e indicando em qual telejornal ela mais se enquadra.

Valter explica que além das reuniões de pauta, onde são apresentados assuntos os quais há uma necessidade de uma maior produção, há também os factuais, os acontecimentos inesperados de todos os dias. O produtor esclarece que, nesse caso, os produtores devem avisar o fato ao chefe de reportagem que fica na redação do Rio de Janeiro. É ele, então, quem decide que procedimento deve ser tomado.

¹¹⁶ Gabriela de Palhano em entrevista realizada no dia 16/05/2006

¹¹⁷ A matéria tratava de um ônibus da auto viação Novacap que colidiu por volta das nove da manhã contra um poste que caiu com o impacto. O acidente foi na Rua Marechal Alencastro, em Nilópolis

“A gente sempre mantém informada a chefia, para que eles direcionem, digam o que a gente vai fazer ou não. Às vezes quando a gente acha que é um grande factual, que merece a nossa ida, a chefia avalia que é apenas uma nota e mata isso. Então a gente está aqui sempre submetido à chefia de reportagem no dia-a-dia quando factual, e a chefia de produção quanto as matérias que serão veiculadas durante o vivo.”¹¹⁸

De acordo com Vandrey Pereira, o foco da base é o jornalismo comunitário. Segundo o repórter, a Baixada é um “depósito” de problemas, mas também é uma região com muitas belezas, possui lugares que quase ninguém conhece.

“Buscamos retratar as condições de vida, o jeito brasileiro tão presente nesses bairros onde não há água encanada, nem esgoto, nem escolas, nem transporte. Mas há gente que trabalha e quer cobrar seus direitos”.¹¹⁹

3.3.4. Um Ano na Baixada – O Papel do Jornalismo Televisivo

A Base de Jornalismo da Rede Globo na Baixada estreou na semana de comemoração dos 40 anos da emissora, com o objetivo de ser uma nova maneira de cobrir a região. O *RJTV – 1ª edição*, através do *RJ na Baixada* assumiu, com esse projeto, um compromisso de mostrar mais de perto os problemas dos moradores do lugar. Na semana de inauguração da base, o *RJTV* produziu uma série de reportagens com temas relacionados ao cotidiano da região. As matérias tratavam de: saúde, economia, educação, violência, belezas naturais e transporte.

Um ano depois o telejornal voltou a percorrer os mesmos lugares por onde passou para, através de uma nova série de reportagens fazer uma análise do que mudou na região com a atuação da base. Alguns dos resultados obtidos com a visibilidade dos problemas no *RJTV* foram definitivos, porém uma parte deles voltou a acontecer.¹²⁰

Apesar de saberem que ainda há muito o que fazer por parte das autoridades

¹¹⁸ Valter Nascimento em entrevista realizada no dia 16/05/2006

¹¹⁹ Vandrey Pereira em entrevista realizada no dia 11/06/2006

¹²⁰ No anexo I estão os textos dessas reportagens que foram ao ar do dia 24/04/2006 até 29/04/2006

municipais da região, os profissionais da Rede Globo, envolvidos na cobertura da Baixada Fluminense, acreditam que o trabalho feito por eles está, de alguma forma, ajudando o lugar.

Para o diretor Renato Ribeiro, a base da baixada foi criada para atender um público carente de notícia e informação útil. Ele afirma que a principal função do escritório de Duque de Caxias é produzir reportagens de interesse daquela região e ajudar a população a entender os problemas do lugar, além de dar imagem e voz a quem tem reivindicações importantes a fazer para a melhoria de suas vidas.

Para a editora – chefe do *RJTV – 1ª edição*, a base de jornalismo na Baixada é uma aliada na luta do cidadão por melhorias nas comunidades. Segundo Cecília Mendes, através desse canal sempre aberto para divulgação das reivindicações da população, é possível cobrar do poder público ações mais enérgicas. A editora acrescenta ainda, que de acordo com sociólogos e estudiosos que pesquisam a região, a base é importante no sentido de resgate da auto-estima e afirmação da cidadania, pois é um espaço que respeita o cidadão e divulga suas opiniões. E Segundo esses pesquisadores, o cidadão respeitado se torna mais atuante, defendendo seus direitos e os da comunidade.

Segundo Valter Nascimento, com a presença da Rede Globo na Baixada, as autoridades passaram a trabalhar mais e os resultados estão chegando cada vez mais rápido. O repórter Vandrey Pereira completa dizendo que o jornalismo tem que servir de instrumento de mobilização e de transformação social.

“É informando, mostrando a essas pessoas que elas podem e devem falar, que a gente realmente consegue fazer com que as coisas mudem”.¹²¹

De acordo com o repórter, muitos líderes comunitários já conseguiram diversas melhorias “soltando a voz” no *RJ na Baixada*. Vandrey Pereira acredita que aos poucos

¹²¹ Vandrey Pereira em entrevista realizada no dia 11/06/2006

as comunidades, vítimas da opressão e desacreditadas em mudanças, perdem o medo de falar, tão presente durante décadas.

“Conseguindo reverter o quadro de abandono ou não, acho que o importante é mostrar a Baixada, revelar o negativo, e ver que o retrato desta região pode ser diferente”.¹²²

Os produtores do escritório da Rede Globo em Caxias acreditam que trabalhando na base da Baixada eles têm a oportunidade de exercer corretamente o que consideram ser a função de suas profissões. Valter Nascimento acredita que o jornalista precisa ser a voz do cidadão, que não teria como ser ouvido se não fosse a mídia. A produtora Cristiane Laranjeiras acrescenta que os meios de comunicação devem fazer com que os problemas sejam solucionados. O estagiário Eduardo Teixeira concorda, falando que o jornalismo além de buscar denúncia e informação deve estar sempre envolvido com prestação de serviço.

“...E, se ele tem um poder para estar cobrando, estar junto com o morador que vivencia um problema, para trazer uma melhora, tem que fazer isso mesmo”.¹²³

Para Maria José Sanches o jornalismo tem o papel de informar e afetar. A editora acrescenta que, especificamente, o jornalismo comunitário é importantíssimo, pois é usado como uma forma de pressão que a comunidade não teria sozinha.

Renato Ribeiro diz que o papel fundamental do jornalismo é informar bem os fatos e os acontecimentos da vida cotidiana. Mas, o diretor acrescenta que o jornalismo também tem a função de ser fiscalizador das ações públicas, prestador de serviço e tem o dever de ser educativo. *“As pessoas se informam e ganham formação por vários caminhos, um deles é o jornalismo”*.¹²⁴

¹²² Vandrey Pereira em entrevista realizada no dia 11/06/2006

¹²³ Eduardo Teixeira em entrevista realizada no dia 16/05/2006

¹²⁴ Renato Ribeiro em entrevista realizada no dia 16/05/2006

A repórter Gabriela de Palhano acredita que, por mais difícil que possa ser, o grande desafio de quem faz jornalismo é não deixar que a mídia seja apenas uma ponte dos cidadãos com as autoridades, pois, para ela, nunca será possível suprir as necessidades de todo mundo. Gabriela não credita aos meios de comunicação a função de educar, mas pensa que é necessário mostrar às pessoas que quem se mobiliza consegue. Mas, para a repórter, a simples experiência da base da Rede Globo na Baixada já é uma grande vitória para o jornalismo.

“Só em estar aqui, num mundo que está cada vez mais global, a gente alcançar essa tendência de localizar, do jornalismo comunitário, acho que isso já é uma grande conquista para os jornalistas, acaba que abre mais espaço para todo mundo. E para a função mesmo da gente do dia -a - dia. Eu gosto, acho que é um lugar que precisa, mas também, precisa do esforço e da auto-crítica da gente sempre, do que a gente está fazendo, mas eu acho que é uma grande conquista esse espaço aqui da Baixada.”.¹²⁵

Maria José Sanches reforça que é necessário responsabilidade social, segundo a editora, pelo fato do telejornalismo ser uma força importante, deve-se ter sempre cuidado para que não seja usado como uma forma de manipulação pelas autoridades ou até mesmo pela própria população. Para a editora é imprescindível mostrar o fato o mais próximo da realidade possível, ouvindo sempre todos os lados envolvidos, para que a reportagem não seja usada como propaganda ou manobra política.¹²⁶

Segundo Vandrey Pereira, a informação deve ser a mais “imparcial” possível, seguindo um padrão ético, mas o repórter acredita que só através da emoção é que se consegue tocar o telespectador e fazê-lo pensar. Vandrey Pereira diz que o que mais gosta na sua profissão é conhecer gente, ouvir e contar histórias.

“Através do meu texto combinado às imagens, tento passar tudo aquilo que senti. Emoção, surpresa, tristeza, alegria imensa, decepção, não há lugar para frieza”.¹²⁷

¹²⁵ Gabriela de Palhano em entrevista realizada no dia 16/05/2006

¹²⁶ Maria José Sanches em entrevista realizada no dia 08/06/2006

¹²⁷ Vandrey Pereira em entrevista realizada no dia 11/06/2006

Conclusão

No mundo moderno, todos, mesmo que em diferentes medidas, são consumidores dos produtos oriundos dos meios de comunicação. Esses veículos ocupam uma posição institucional, onde tudo que é mostrado, sobretudo nos programas ditos informativos ou jornalísticos, passa ter valor de verdade. Com isso, a mídia passa a constituir um dos principais instrumentos de construção da história.

A cultura midiática é regida pela lei da oferta e da procura e, como em todo setor industrial, tende ao crescimento. Porém, diversamente do que alguns autores, como os teóricos da Escola de Frankfurt, afirmaram durante muito tempo, hoje, já se considera a hipótese de que o público não é uma “massa” composta por indivíduos atomizados e indiferenciados. A partir dessa percepção, estes veículos estão, cada vez mais, preocupados em produzir conteúdos que atendam às demandas dos diferentes grupos e segmentos sociais.

Os estudiosos dos meios de comunicação divergem em relação a seus efeitos estéticos e à qualidade de seu conteúdo. Conforme conceitos de Umberto Eco, existem os apocalípticos e os integrados. Os primeiros são os teóricos que não conseguem encontrar nenhum ponto positivo nesse novo modelo de cultura, são contra ao imperialismo do capital e o reino do lucro e acreditam que a orientação consumidora destrói a autonomia e a hierarquia estética próprias da cultura cultivada. Já o segundo grupo de autores, diferentemente dos apocalípticos, afirmam que a homogeneização do gosto é uma contribuição para eliminar as diferenças sociais. Eles não acreditam que a cultura midiática não seja típica de um regime capitalista, mas sim, que atende às necessidades da era industrial. Entretanto, por já constituírem uma realidade na sociedade contemporânea, mais do que se limitar a críticas ou defesas no plano das idéias, importa desenvolver pesquisas que possam avaliar o que efetivamente vem sendo veiculado e suas repercussões sobre a vida social.

A televisão, em especial, por ser o meio mais poderoso do ponto de vista de sua penetração no público, sobretudo em sociedades de tradição oral como a brasileira,

recebe cobranças no sentido de que sua programação seja educativa e que promova transformações positivas no modo de agir e de pensar da sociedade.

Esse trabalho analisou a cobertura jornalística que a Rede Globo está fazendo na Baixada Fluminense depois que a emissora montou uma base em Duque de Caxias. Percebeu-se que através do quadro O RJ na Baixada, exibido pelo RJTV – 1ª edição, a TV Globo começou a cobrir a região de uma forma mais democrática e, diferentemente do que normalmente se vê na grande mídia, menos preconceituosa, buscando promover um telejornalismo mais ligado aos interesses da comunidade.

O escritório da Rede Globo em Caxias é usado como uma espécie de filial da emissora na Baixada, com independência para apurar, fazer reportagens e transmitir as notícias de lá, fornecendo uma cobertura completa do lugar. Além de aprimorar a qualidade das reportagens a base evita desgastes desnecessários de locomoção e dinheiro.

Do ponto de vista dos profissionais envolvidos na produção do telejornal, parece haver um consenso no sentido de afirmar que o escritório de Duque de Caxias permite uma cobertura mais ampla daquela área, dando, assim, maior visibilidade às carências da população e, com isso, conseguindo mesclar os interesses do público, da TV Globo e de seus funcionários.

A população, por sua vez, parece ver, na existência de uma base em Duque de Caxias, uma chance de exercer a cidadania, dando visibilidade às suas reivindicações, na medida em que, com a descrença nos órgãos públicos, o quadro O RJ na Baixada passa ser uma “ponte” entre os moradores e as autoridades. O poder público se sente, muitas vezes, obrigado a fornecer soluções rápidas para os problemas expostos na televisão.

Do ponto de vista empresarial, segundo Renato Ribeiro, diretor regional de jornalismo da Rede Globo, houve um fortalecimento no noticiário, um ganho de credibilidade e, ele acredita que, conseqüentemente, houve um aumento da audiência.

Para os trabalhadores envolvidos nessa cobertura, a base é uma oportunidade de exercer corretamente o que consideram ser o papel de um jornalista: informar e afetar a vida da sociedade.

O RJTV do dia 25/04/2005 abriu sua primeira edição mostrando que a base na baixada marcava uma nova fase na cobertura do telejornal, que, a partir de então, haveria uma aproximação ainda maior com aquela região, que tem carências graves, mas que também mostra grande potencial de crescimento.

A editora Maria José Sanches contou que as reportagens da Baixada fazem um retrato do que acontece na região, mostrando tanto os problemas quanto os exemplos positivos a serem seguidos pela população. De acordo com Renato Ribeiro, essa prática gera ao mesmo tempo um bom resultado jornalístico e um bom resultado social para a população.

O diretor orienta a equipe a não fazer do RJ na Baixada um programa “tapa buraco”, ele cobra que também sejam mostradas iniciativas que possam ser seguidas e que foram suficientes para mudar a realidade do lugar.

Porém, fica a questão. Será que um programa de TV consegue através de exemplos mudar o modo de se organizar da sociedade? Como foi visto nessa monografia, a mensagem nem sempre é entendida por seu destinatário da mesma forma que se deseja o emissor. Como o trabalho se restringiu a ouvir os que produzem, fica a dúvida se a população está decodificando “corretamente” a informação que estão recebendo, ou se estão usando esse meio apenas como um instrumento que possibilita soluções rápidas.

BIBLIOGRAFIA

Livros

- Bourdieu, Pierre. Sobre a Televisão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- Darnton, Robert. O Beijo de Lamourette. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1990.
- Silva, Carlos Eduardo Lins da. Muito Além do Jardim Botânico. São Paulo: Summus, 1985.
- Eco, Umberto. Apocalípticos e Integrados. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- Eco, Umberto. Viagem na Irrealidade Cotidiana. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- Eurausquin, M. Alfonso; Luis Matilla e Miguel Vazquez. Os Teledependentes. São Paulo: Summus, 1983.
- Jornal Nacional: a notícia faz história / Memória Globo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- Morin, Edgar. Cultura de Massas no séc. XX. Rio de Janeiro: Forense, 1967.
- Paternostro, Vera Íris. O texto na TV: Manual de Telejornalismo. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

Internet

- Garbin, Luciana. **Qualidade na programação: um bem necessário.** Disponível em: <<http://www.midiativa.org.br/>>
- Lozza, Carmen. **Para pensarmos sobre formas diferentes de se conceber a notícia.** Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/infoglobo/quemlesabe/Diversos/pp22.htm>>.

- Silva, Luis Martins. Civic Journalism. **Um gênero que o Brasil começa a conhecer.** Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/>>
- Vizeu, Alfredo. **Decidindo o que é notícia.** Disponível em:
<<http://www.bocc.ubi.pt/pag/vizeu-alfredo-decidindo-noticia-tese.pdf>>
- <http://institucionaltv.globo.com/inicio.html#>
- <http://pt.wikipedia.org/>
- <http://unb.br/fac/sos/artigos/civicjournalism.htm>
- www.an.com.br
- www.globo.com/estagiar
- www.globo.com/rjtv
- www.pewcenter.org

Periódicos

- Revista Lugar Comum, estudos de mídia, cultura e democracia, n.11, maio-agosto 2000. Rio de Janeiro: NEPCOM/CFCH/UFRJ,

Televisão

- Programa *N de Notícia* (Globo News) de 01/04/2001

Artigos

- Lopes, Luis Carlos. *A parole* do telejornalismo brasileiro. Artigo feito para o 2º Colóquio Canadá-Brasil em Comunicações. ALCA: progresso social e diversidade cultural Université du Québec à Montreal 10 e 11 de outubro de 2005.

Entrevistas

- Renato Ribeiro - Diretor Regional (Rio de Janeiro) de Jornalismo da Rede Globo. Entrevista realizada no dia 16/05/2006.
- Cristiane Laranjeiras – Produtora de Reportagem da Base de Jornalismo da Rede Globo na Baixada Fluminense. Entrevista realizada no dia 16/05/2006
- Valter Nascimento - Produtor de Reportagem da Base de Jornalismo da Rede Globo na Baixada Fluminense. Entrevista realizada no dia 16/05/2006
- Eduardo Teixeira – Estagiário da Base de Jornalismo da Rede Globo na Baixada Fluminense. Entrevista realizada no dia 16/05/2006
- Maria José Sanches – Editora de Texto da Central Globo de Jornalismo. (Responsável pelos assuntos da Base de Jornalismo da Rede Globo na Baixada Fluminense). Entrevistas realizadas no dia 16/05/2006 e 08/06/2006
- Gabriela de Palhano – Repórter da Central Globo de Jornalismo. Entrevista realizada no dia 16/05/2006
- Vandrey Pereira – Repórter da Base de Jornalismo da Rede Globo na Baixada Fluminense. Entrevista realizada no dia 11/06/2006
- Juarez Passos – Chefe de Produção dos Jornais Locais da Central Globo de Jornalismo. Entrevista realizada no dia 08/06/2006
- Cecília Mendes – Editora - Chefe do RJTV – 1ª Edição. Entrevista realizada no dia 12/06/2006

Série de Reportagens feita pelo RJTV

Saúde – Dia 24/04/2006

Há um ano, o RJTV percorreu os principais hospitais e postos de atendimento da Baixada. Na época, ouvimos reclamações, que hoje se repetem.

“Não tem médico”, reclama uma mulher.

“Meu avô está em coma e não tem um médico para nada dentro do hospital”, diz outra.

“Falta tudo lá dentro, até esparadrapo”, denuncia uma terceira.

Em 13 municípios, são mais de 3,5 milhões de pessoas. A maioria depende do sistema público de saúde. Mas, na Baixada, os avanços nesta área não alcançam o ritmo das necessidades da população.

Em São João de Meriti, a construção de um hospital estadual se arrasta desde 2002. Em maio do ano passado, mostramos que a Secretaria de Saúde fechou seis postos dentro das comunidades mais pobres. Apenas um foi reaberto.

A equipe do RJTV reencontrou moradores de um dos maiores bairros, o Vila São João. No lugar, mães ainda esperam a volta do atendimento.

“Muitas mães aqui não têm o cartão de vacinas em dia, porque são obrigadas a ir a outros lugares”, denuncia uma mulher.

“Estamos com medo que o posto venha a ser depredado no futuro”, observa outra.

Sem opções nos bairros, os pacientes continuam superlotando a única emergência da cidade. No PAM, filas e estrutura precária. Uma funcionária explica que traz os equipamentos de casa, para poder trabalhar.

“Eu trago meu estetoscópio, meu aparelho de medir a pressão. São meus, porque às vezes não tem como usar o do hospital, às vezes, tenho que pedir para outro setor”, explica ela.

“A estrutura que tenho para esse PAM é para atender no máximo 400 pessoas por dia. Estou atendendo 900 pacientes por dia e há finais de semana em que esse número chega a mil pacientes por dia”, justifica o secretário de Saúde de São João de Meriti, João Ferreira Neto.

Situação parecida em Nilópolis. No bairro Cabuís, o governo do estado prometeu entregar um hospital em outubro de 2004. A unidade estaria pronta, mas a inauguração já foi adiada por três vezes.

Resultado: o Hospital Juscelino Kubitschek, administrado pela prefeitura, recebe até mil pessoas por dia. Segundo a Secretaria Municipal de Saúde, a procura é até três vezes maior do que a capacidade. Muitos pacientes são de municípios vizinhos.

“Eu sou de São João de Meriti. Vim para cá, porque foi onde consegui a consulta. Lá eu nem tentei, porque nunca consegui. Aí vim diretamente para cá”, explica uma paciente.

Para diminuir as filas, um sistema de atendimento inédito no estado foi implantado em Nilópolis, há seis meses. Todas as consultas são marcadas pela Central de Regulação. Por telefone ou pessoalmente, são atendidas em média 800 pessoas por dia.

Já em Duque de Caxias, o maior município da região, a Secretaria de Saúde divulgou novos números do chamado Programa de Saúde da Família. Em um ano, o número de equipes que percorrem os bairros passou de 32 para 65.

O Programa de Saúde da Família foi criado para fazer com o agente comunitário, o enfermeiro e o médico pudessem sair do posto para conhecer os moradores e saber qual a realidade das condições de vida das pessoas. E daí dar início ao pré-atendimento nas próprias casas.

O bairro Pilar, área pobre de Duque de Caxias, é uma das comunidades onde o serviço é prestado, mas a população reclama, porque o programa ainda não funciona como deveria.

“Eu perguntei e eles me disseram que o médico ainda vai fazer um cadastramento em casa, para poder atender. O médico até agora ainda não foi à minha casa. Não tem médico aí ainda”, denuncia uma moradora.

Representantes do Conselho Municipal de Saúde dizem que, além da estrutura precária, o programa só beneficia 30% da população.

“Em função de não haver essa equipe completa, o povo, em sua sabedoria, vai em busca dos hospitais, o que provoca a sobrecarga, por causa daquilo que na verdade deveria ser resolvido aqui no bairro, como programa de atendimento básico. É responsabilidade do município criar essa porta de entrada no sistema de saúde”, afirma Sebastião Bernardino, do Conselho Comunitário de Saúde.

Maria Layde Vanderley é médica sanitaria. Ela conheceu de perto a realidade da saúde na Baixada, em muitos anos de experiência na região, e traça um panorama.

“Saúde não é só assistência médica, de enfermagem, de serviço de saúde. É também investir na infra-estrutura da cidade, para que as pessoas tenham mais condições de saúde. A cada chuva, essa população sofre as consequências das enchentes, porque você não tem um saneamento adequado. É preciso também aumentar a oferta de trabalho nessas áreas, para que as pessoas não precisem desestruturar tanto suas famílias. Há uma série de questões relacionadas à saúde, que é garantir uma vida de qualidade“, comenta ela.

Sobre o hospital estadual do bairro Cabuís, no município de Nilópolis, a Secretaria Estadual de Saúde informou que o atraso na inauguração desse hospital se deve à compra dos equipamentos, a maioria, importada.

Afirmou ainda que a escolha do fornecedor já está sendo finalizada para a compra desses equipamentos e que o hospital deve entrar em funcionamento ainda este ano.

O RJTV conversou com o secretário de Saúde de Duque de Caxias, Oscar Berro, também presidente do Consórcio Intermunicipal de Saúde da Baixada Fluminense.

RJTV: O número de equipes do Programa de Saúde da Família aumentou, mas ainda há falta de médicos. O que pode ser feito nesse momento?

Oscar Berro: Estamos cobrindo agora um número importante de pessoas. No bairro Pilar, só precisamos de mais duas equipes, que serão montadas até o fim deste ano. As equipes são definidas: elas são para atender mil famílias, até quatro mil pessoas. E as pessoas às vezes reclamam com razão que a sua equipe ainda não tenha sido montada. As denúncias de falta de médico são normalmente de pessoas que não têm acesso à unidade, porque cada paciente pode levar um acompanhante. E aí surge todo esse conflito. A Baixada tem investido pesado, Caxias também. O Hospital Moacir do Carmo está em construção, será o hospital mais moderno de toda a Baixada Fluminense. Temos as outras unidades. Estamos recebendo o projeto definitivo do Hospital de Queimados, daqui a quatro dias. É lógico que ainda falta muito a ser feito. Por isso, as três esferas de governo – a federal, a estadual e a municipal – têm se articulado, para que mudemos isso. Dezesesseis meses depois de assumirmos, fizemos uma verdadeira revolução na Baixada, ao ponto de o município do Rio de Janeiro não reclamar mais do afluxo de pessoas saindo daqui para lá.

A ampliação do Programa Saúde da Família pode ser uma das soluções para melhorar a superlotação dos hospitais, a falta de equipamentos?

Essa é a única saída. Temos que investir na saúde básica e inverter esse fluxo. Essa é nossa aposta, os recursos são pequenos. Há 20 anos, eram R\$ 70 bilhões. Hoje são R\$ 30 bilhões. Temos que fazer uma nova química no setor de saúde, evitando que as pessoas fiquem doentes. Isso está melhorando, porque hoje a maioria dos secretários é de profissionais de saúde, pessoas que vêm do movimento sanitário. Essa é a transformação de que a Baixada e todo o Rio de Janeiro precisa.

O Hospital de Queimados recebeu verba no início do ano. Qual é a novidade?

No dia 28, estaremos recebendo o projeto definitivo e temos 20 meses para poder construí-lo.

Economia – Dia 25/04/2006

Durante toda esta semana, o RJ na Baixada apresenta uma série de reportagens especiais sobre o que mudou na Baixada Fluminense neste um ano de vida da base de jornalismo. Hoje falamos de economia.

A população da Baixada Fluminense tem uma grande expectativa de desenvolvimento, principalmente com as oportunidades de emprego criadas pelo pólo petroquímico. Mas há ainda muito a fazer.

A triste imagem das filas de emprego ainda é realidade. “Eu tenho esperança, mas até agora nada”, lamenta um desempregado.

“Esse pólo é uma esperança, mas realmente está complicado”, diz outro.

Há um ano, o RJTV mostrou que, mesmo na cidade do Rio, havia gente procurando uma oportunidade de trabalho em municípios da Baixada.

De lá para cá, a região mudou, principalmente na área industrial. Quatorze empresas do setor plástico ergueram seus prédios em Duque de Caxias. Foi uma explosão de empreendimentos que deu origem ao chamado pólo gás-químico. Quem se preparou garantiu uma das dez mil vagas de trabalho abertas.

“Não se pode mais falar em Baixada sem pólo, sem Reduc. Reduc sem Baixada também não existe”, afirma o gerente de produção Willian França.

Na Baixada Fluminense, Duque de Caxias, Nova Iguaçu e Itaguaí estão entre os 20 municípios do estado com maior índice de qualidade, quando o assunto é economia. A informação foi divulgada este mês pela Fundação Cide, Centro de Informações e dados do Rio de Janeiro.

Caxias ocupa o melhor lugar entre os municípios da região. É o décimo colocado no ranking, depois de ter subido nove posições nos últimos sete anos.

Mas nem todos os municípios da Baixada estão conseguindo desfrutar dos benefícios trazidos pelo pólo industrial de Caxias. Em Guapimirim, por exemplo, a população ainda aguarda a chegada das indústrias. Onde máquinas e milhares de pessoas já deveriam estar trabalhando, hoje há apenas um imenso vazio.

Cinco galpões continuam desativados. A estrutura de uma empresa falida foi comprada pela prefeitura, na esperança de que novos investimentos viessem para o município.

O secretário de Saúde de Guapimirim, na época, chefe de gabinete, explica que as negociações foram feitas com o governo do estado em 2005. Ele diz que oito fábricas ocupariam os galpões - duas no distrito de Parada Modelo.

“Esse acordo foi assinado no Palácio Guanabara e, logo depois, eles desistiram: uma empresa foi para o sul de Minas e outra, para Manaus. E ficamos nesse impasse”, explica Eliel Ramos.

Quatro mil empregos ficaram na promessa. Foi um ponto final nos sonhos de Marta de Almeida e Wellington da Silva. Ela mora na região, mas foi trabalhar no Rio. Ele está desempregado há nove meses.

“As oportunidades em Guapimirim não existem. Fica difícil. Quando aparece uma entrevista, você passa em todos os quesitos, mas aí chega o ponto transporte e eles verificam que o custo da passagem é muito alto”, queixa-se o técnico em eletrônica.

“Meu custo fica em torno de R\$ 350 só com o transporte. Sem falar no desgaste”, acrescenta a administradora de empresa.

Para algumas pessoas, a ansiedade se transformou em ilusão. Outras nem esperavam por novidades no mercado de trabalho, mas foram surpreendidas. Lodecil Castilho ficou sete meses como estagiário, até que o patrão decidiu contratá-lo de vez.

Trabalhar na Baixada, perto de casa, foi um presente inesperado. “Eu nem imaginava que eu pudesse ter uma oportunidade de emprego aqui na Baixada. Eu achava que iria ter que sair daqui, ir para o Centro do Rio ou para outro estado em que houvesse oportunidade”, diz ele.

O técnico em eletrônica faz parte de um setor que também ganhou força, graças ao pólo industrial: o de prestação de serviços. Lodecil trabalha em uma pequena empresa, que instala circuitos internos de TV e alarmes só para as indústrias.

“A perspectiva é essa: daqui uns três, quatro anos, focarmos nossos serviços nessa região. Estamos com uma perspectiva de crescimento de 50% a 60%, voltado para essa região”, afirma o empresário Carlson de Almeida.

Longe da área urbana, o RJTV também mostrou que, na zona rural, há pessoas com vontade de crescer. Em Mesquita, os apicultores buscavam ajuda do poder público para melhorar a situação das estradas e possibilitar o escoamento da produção de mel.

Oito meses se passaram e o acesso às fazendas continua igual. Mesmo assim, houve mudanças. Produtores rurais organizados acabam de fundar um sindicato dos trabalhadores da região. Uniram forças para o desenvolvimento de um dos setores econômicos mais fortes do município: a agricultura.

“Os sitiantes já produzem manga, caqui, acerola, cana, banana, jaca. Produzimos muito, mas a maioria da produção se estraga, porque os acessos são difíceis. Levar no lombo do burro não tem como. E nem todo mundo tem burro. Levar nas costas? O tempo da escravidão já acabou. Precisamos que o poder público nos dê atenção e olhe para essa classe trabalhadora”, defende William Sampaio, do sindicato de trabalhadores rurais.

A Secretaria de Meio Ambiente e Urbanismo de Mesquita informou que enviou ao Ministério das Cidades projetos para obras de drenagem e pavimentação dos acessos aos sítios. E que ainda está esperando a aprovação dos projetos e a liberação dos recursos.

Sobre as oportunidades que surgem nessa região, o RJTV conversou com o professor, economista e estudioso Francisco Barone.

RJTV: Quais são as reais perspectivas de crescimento de emprego que o pólo gás-químico e essa nova refinaria de petróleo que vai surgir na Baixada vão trazer para os moradores?

Francisco Barone: Um novo fluxo de desenvolvimento para a Baixada vai ser iniciado a partir da instalação da nova refinaria. Mas se deve levar em conta que a instalação do pólo gás-químico ainda não está terminada. Então, as perspectivas são as melhores possíveis para empregos não muito qualificados, mas principalmente, para postos de trabalho com maior qualificação.

Então, qual deve ser o investimento em termos de formação de novos trabalhadores? Universidades e cursos técnicos, por exemplo?

Em termos de formação de trabalhadores para essas unidades que vão ser instaladas, não é necessária mais uma universidade, mas uma articulação entre poder público e universidades já instaladas (Unigranrio, Unig, Uerj) para que elas formem a massa de trabalhadores para trabalhar na região.

Qual é o grande problema que impede que esse crescimento econômico e das indústrias se reflita em uma melhoria de qualidade para pessoas que vivem na Baixada? Ainda é muito difícil morar na região apesar desse crescimento, que é visível.

Não só Caxias, como toda a Baixada Fluminense têm uma grande disparidade de renda. Os 20% mais pobres concentram apenas 2% da renda, enquanto que os 20% mais ricos concentram 55%. Então, esse desenvolvimento todo não está sendo refletido na população. Somente ações que tenham como objetivo desenvolver essa população, em relação à capacitação de mercado de trabalho, terão o efeito multiplicador que atinge a população.

Educação – Dia 26/04/2006

Neste ano, nossa equipe percorreu vários municípios e percebeu que jovens e até as crianças têm bastante consciência do que representa a educação para a cidadania e a melhoria da qualidade de vida. Vimos muitos problemas. Alguns foram resolvidos, mas outros ainda preocupam pais, professores e alunos.

A educação foi um dos temas mais abordados no dia-a-dia do RJ na Baixada. Em um ano, nossa equipe percorreu diversos municípios. Acompanhamos os estudantes de Magé, em uma caminhada de até quatro quilômetros para chegar à escola.

Dezenas de crianças acordavam de madrugada por causa da falta de transporte na zona rural. Depois do apelo feito pelos pais, um ônibus passou a levar e trazer os alunos.

Hoje, nove meses depois, voltamos ao bairro Barão de Iriri e fomos surpreendidos com novas reclamações.

“Eu fico preocupado. Enquanto ele não chega, não janto, não durmo, porque há dias em que o ônibus passa; há dias em que ele não passa”, diz o pedreiro Geraldo Rodrigues.

Drama parecido foi encontrado em Duque de Caxias. Faltou transporte escolar para mais de 400 estudantes. Em Xerém, muitos chegaram a abandonar as aulas.

Depois da reportagem, o número de Kombis dobrou. Hoje a frota é de 25 veículos, mas, segundo o sindicato estadual dos profissionais da educação, Sepe, o problema persiste.

“É um dever da prefeitura a manutenção cotidiana dessas Kombis, porque é a forma que essas crianças têm de chegar à escola. Temos denúncias de que há uma Kombi quebrada, causando problemas para as famílias”, afirma o diretor do Sepe de Caxias, Tarcísio Mota.

“Temos carros novos, adquiridos em agosto de 2005. Portanto, o trabalho de manutenção é quase zero. Pode ter acontecido de um dos carros novos ter apresentado problema. Mas dizer que esta é uma questão constante... Não é”, garante a secretária de Educação de Duque de Caxias, Selma Silva.

A qualidade do ensino também foi questionada nos dois maiores municípios da região. Em Caxias e Nova Iguaçu, as secretarias de Educação detectaram altos índices de repetência entre a criança.

Pelo menos 24 mil alunos por ano chegavam ao final do ciclo de alfabetização sem saber ler e escrever. O levantamento mostrou que era preciso investir mais na capacitação dos professores e melhorar o método de ensino.

Programas de incentivo à leitura deram início a uma nova fase dentro das escolas. Os resultados ainda são tímidos, mas quem participa desse desafio diariamente já vê diferenças.

“Eles começaram a assimilar a leitura e, hoje em dia, estão muito bem, estão progredindo”, comemora a professora Alexandra Rodrigues.

Em Caxias, a educação também ganhou mais voz: 221 professores aprenderam a silenciosa linguagem dos sinais, um número de profissionais dez vezes maior do que no ano passado. São intérpretes de libras para poder ensinar quase 300 alunos com deficiência auditiva.

Mostramos o estado precário de sete escolas municipais. Salas de aula cheias de umidade e infiltrações. Equipamentos quebrados e com fiação elétrica à mostra.

Vereadores formaram uma comissão especial para apurar a aplicação das verbas destinadas à educação. Só do governo federal, São João de Meriti recebeu em 2005 quase R\$ 12,5 milhões, para pagamento de professores e melhoria da estrutura das escolas.

Mesmo dentro das universidades, estudantes enfrentam barreiras. Na Baixada, cerca de 30 mil jovens se formam no ensino médio, todo ano. Mas, segundo a Secretaria Estadual de Educação, a maioria não consegue ingressar nas faculdades por falta de dinheiro.

Nas instituições públicas, são pouco mais de cinco mil vagas para um volume de candidatos seis vezes maior.

No ano passado, mostramos o exemplo dos alunos de economia da Universidade Federal Fluminense, em Nova Iguaçu. O curso é considerado um dos melhores em ensino e pesquisa.

Hoje voltamos ao lugar, para dar uma triste notícia: o curso está com os dias contados. As atividades se encerram daqui a dois anos, quando a última turma se formar.

“Eu esperava que fosse um projeto continuado. Vemos os problemas que existem na Baixada e pensávamos que, se houvesse uma turma aqui, ela ajudaria a mudar isso. Só que as pessoas que fizeram o projeto talvez não acreditassem tanto nele”, comenta o estudante Marcos Vinícius Barbosa.

“A idéia é que possamos apresentar todos os recursos que já foram gastos aqui para manter essa estrutura universitária completa, desde a graduação até a pós-graduação”, comenta a coordenadora do curso de economia da UFF, Inês Patrício.

Fecha-se uma porta, mas várias janelas se abrem. A Universidade Federal Rural acaba de inaugurar seu novo campus em Nova Iguaçu. Seis cursos e expectativa de duas mil vagas.

“Quanto mais perto, melhor é o custo para a minha família. Fica muito mais viável para todo mundo. É muito importante uma universidade federal aqui na Baixada, muito melhor”, diz a estudante Rita Ribeiro.

A prefeitura de São João de Meriti informou que até outubro deste ano, durante a reforma das nove escolas, quatro espaços, como igrejas e galpões, serão alugados para servir de salas de aula.

Violência – Dia 27/04/2006

Um grupo de homens faz parte do Movimento Reage Baixada, que foi criado no último ano e já atua em 80 pontos diferentes da região. Eles reúnem esforços para mudar a vida de quem mora na Baixada.

Dois deles são padres. Vieram de longe: da África e da América Central. “A população se mobilizou e se organizou, e integrou definitivamente uma agenda social de combate à violência”, afirma o padre Pierre Roy.

A luta começou depois da maior chacina do estado. Na noite de 31 de março de 2005, 29 inocentes foram executados em Nova Iguaçu e Queimados. Os moradores ainda vivem com medo.

“Não é mais aquilo que era antes aqui, está diferente, a rua não fica mais movimentada como ficava”, conta uma moradora.

Depois do massacre, a saudade, a dor e orações se misturaram a protestos. Onze policiais militares foram acusados do crime. Quatro foram inocentados e sete vão a julgamento.

“A gente fica se perguntando por que eles fizeram isso. Depois de um ano, a gente não tem essa resposta”, reclama a parente de uma vítima.

As investigações apontaram que a chacina foi uma forma de intimidar a população depois de uma mudança de comando nos batalhões da região. A Polícia Militar intensificou o policiamento nas maiores cidades e fez mudanças também dentro dos batalhões.

“O comando geral da corporação fez uma oxigenação na Baixada: trouxe oficiais de outras áreas que nunca nem tinham servido antes aqui e que vieram dar a sua contribuição. Creio que tem dado resultado”, afirma o assessor de imprensa da PM, Aristeu Leonardo.

A Baixada é ainda a região onde mais se mata no estado. Os dados são da Secretaria de Segurança Pública. Em 2005, na capital, foram 39 homicídios para cada 100 mil habitantes. Na Baixada, o índice chegou a 68 homicídios para cada cem mil moradores.

Entre 2004 e 2005, os registros de roubos seguidos de morte subiram de 40 para 63, aumento de mais de 50%. Já o número de homicídios pulou de 1.948 para 2.005, 57 casos a mais em um ano.

Os casos de auto de resistência - morte em confronto com a polícia - em 2004 foram 176; em 2005, 217, um crescimento de 23%.

O sociólogo José Cláudio de Souza escreveu um livro sobre a história da criminalidade na Baixada. Para o pesquisador e professor da Universidade Rural, os dados demonstram que os grupos de extermínio, que agem na região desde a década de 60, ainda estão presentes.

No ano passado, na primeira reportagem do RJ na Baixada, José Cláudio apontou a impunidade como um dos principais motivos que levam aos assassinatos.

“Do total de homicídios no estado - e na região por ter o maior número de homicídios - apenas 7,8 casos são investigados pela polícia”, diz ele.

Hoje, um ano depois, o pesquisador diz que o problema se alastrou: “Você tem novas áreas de atuação do extermínio, que está indo para a periferia da Baixada, para Seropédica, Itaguaí, Magé, áreas que antes não eram tão violentas. Isso vem de décadas, não é uma coisa que você responda olhando simplesmente um ou dois anos. Você tem que olhar ao longo do tempo”.

“Após a chacina da Baixada Fluminense, foram incrementados os mecanismos de controle de criminalidade na Baixada. Foi criado um Batalhão da PM em Belford Roxo, foi criado um braço operacional da Corregedoria da PM só para a Baixada. Foi conseguido um melhor entrosamento com o Ministério Público. Com o extensão dessas ações aos outros municípios, os índices devem cair”, acredita o secretário de Segurança, Roberto Precioso.

Além das autoridades, a sociedade também se mobilizou para pedir mais segurança. Em um ano, surgiram muitas ações de prevenção à violência, a começar pela educação.

A Escola Municipal Douglas Brasil, em Nova Iguaçu, que recebeu o nome de uma das vítimas da chacina, passou a ser referência para a comunidade.

No lugar, crianças e jovens fortalecem a auto-estima em oficinas de leitura e de teatro. É um projeto inédito na região, o Nós da Baixada, criado a partir do grupo Nós do Morro, que faz um trabalho social na favela do Vidigal, na zona sul do Rio.

E em escolas municipais e estaduais de várias cidades, os portões ficam abertos mesmo nos fins de semana, em vários municípios da região. Alunos recebem aulas de reforço e moradores participam de atividades culturais e esportivas.

“A gente consegue ter a queda nos números de violência a partir da ocupação do estado com políticas públicas, sociais, cultura esporte. Isso mostra que a Baixada não é só violência e que pode ser desenvolvimento”, observa o coordenador cultural Ricardo Capeli.

A busca por mais qualidade de vida em áreas pobres ganhou também o reforço da Confederação Brasileira de Vôlei. Desde novembro, 1.500 adolescentes aprendem o esporte.

Aos poucos, a população, marcada pela dor, reage, recupera-se e encontra novos caminhos para construir uma vida melhor.

“Queremos todas as comunidades unidas, para que elas possam mudar e transformar o que está aí. O que a gente quer mudar é a impunidade, a situação econômica, sócio-econômica. Queremos transformar o rumo das coisas que acontecem na Baixada, e não só na Baixada, mas no Rio de Janeiro”, afirma a mãe de uma vítima da chacina.

Para falar sobre segurança, o RJTV entrevistou Ismael Lopes, representante da SOS Queimados, uma associação não-governamental criada após a chacina da Baixada.

RJTV: Depois das iniciativas tanto dos movimentos populares, como o Reage Baixada e o SOS Queimados, quanto da educação, o que o senhor acha que já mudou dentro das comunidades da região?

Ismael Lopes: Eu acho que toda essa mobilização resultante da tragédia de 31 de março tem trazido alguns frutos concretos para a região. Os governos locais, como o prefeito de Nova Iguaçu e de Queimados, estão sensíveis a essa questão e têm tomado algumas iniciativas. O governo federal também. O presidente Lula esteve aqui anunciando a retomada do hospital.

Mas e o sentimento dentro das comunidades? O que mudou?

Dentro das comunidades, mudou a postura. A população está exigindo respeito, atenção para a Baixada Fluminense, que sempre foi muito abandonada. Existe uma enorme dívida social dos governos federais e do estado que precisam ser pagas imediatamente.

A consultora do Programa Escola Aberta, Regina Vassimon, e também representante da Unesco falou ao RJTV sobre o programa que ajuda a combater a violência nas comunidades da Baixada, através da educação e da inclusão social.

RJTV: Esse programa está dando grandes resultados. Uma pesquisa já mostra um pouco o que está acontecendo nas escolas...

Regina Vassimon: Este é um programa do governo federal junto com a Unesco e os municípios. Na Baixada, são 11 municípios e 130 escolas. Ele começou em setembro de 2005. Atualmente existem 20 mil pessoas por fim de semana e, por mês, mais de 100 mil, participando do programa.

Quantas pessoas por escola?

Por escola são cerca de 200 pessoas.

Que resultados esse programa está trazendo?

Nós já temos como indicadores o maior interesse da sociedade pela escola, valorização dos talentos locais e da cultura local, e a melhoria na relação professor-aluno. Uma pesquisa feita em 2003, para um programa parecido com o Escola Aberta, que se chamava Escola de Paz, percebeu uma melhoria de 50% no aprendizado dos alunos e ainda, a cada ano que o programa acontece, há uma melhoria de 30% da violência no entorno.

Riquezas naturais – 28/04/2006

Nossa equipe mostra hoje as riquezas naturais da Baixada Fluminense e os desafios da preservação. Os atrasos nas obras de saneamento e na implantação dos projetos. A necessidade de grandes investimentos na qualidade de vida da população. E contradições: a seca em bairros vizinhos a grandes mananciais de água.

Falta de infra-estrutura de ruas e de saneamento. É um lugar de áreas extremamente pobres onde o sustento de centenas de famílias, muitas vezes, sai do lixo. Essa mesma região de imagens tão marcantes abriga um dos maiores tesouros do estado: a água abundante e cristalina.

O Rio Guandu, que nasce na Baixada Fluminense, é responsável pelo abastecimento de 80% das residências da região e de boa parte da cidade do Rio. Mas é a rede de distribuição o maior alvo das críticas.

O RJTV ouviu reclamações em vários municípios. Em comunidades inteiras onde a busca pela água é um drama diário.

“Todo dia, de madrugada. Tem dias que é difícil, tem dias que está muito quente, com chuva pra lá e pra cá”, afirma um morador.

“Comprar uma carroçada d’água custa R\$ 10 ou R\$ 20. Para quem é pobre, é muita coisa. Não estou agüentando mais não”, diz uma senhora.

Nova Iguaçu, por exemplo, abriga a maior estação de tratamento de água da Baixada. Mesmo assim, há lugares onde o abastecimento apresenta sérios problemas.

Em abril de 2005, o RJTV esteve no bairro Cerâmica mostrando a dificuldade dos moradores que viviam praticamente sem água.

Naquela época, água era justamente o maior drama de Dona Sônia. Moradora do bairro Cerâmica...

“Tem água suficiente aqui?”, perguntou o repórter, na época.

“Não, isso aí não dá uma caixa não”, respondeu Sônia.

“E vai chegar quando?”, quis saber o repórter.

“Diz que vai chegar amanhã”, afirmou dona Sônia.

Um ano depois, o RJTV está de volta à casa da Dona Sônia. Pelo jeito, a situação não mudou muito: são várias mangueiras por todo o quintal, uma ligada na rede de abastecimento lá na rua, a outra na casa do vizinho...

“A falta d’água continua?”, indaga o repórter.

“Continua a mesma coisa, não mudou nada. Nada, nada, nada, está até pior”, constata a dona de casa.

“A senhora está há quantos dias sem água?”, interessa-se o repórter.

“Faz 15 dias que eu não tenho água”, afirma Sônia.

Segundo a Cedae, no último ano foram investidos mais de R\$ 40 milhões na construção de quatro novos reservatórios e manutenção das tubulações, em melhorias no sistema de distribuição de águas em sete municípios. Mas o clima de seca ainda é realidade em muitos lugares. Em Caxias e Belford Roxo, três grandes reservatórios estão desativados.

Fica difícil ter qualidade de vida quando a falta de saneamento faz parte do dia-a-dia de tantas comunidades. Do esgoto produzido na Baixada, apenas 10% recebem tratamento. Estações como a do Lote 15, em Belford Roxo, estão paradas há três anos.

A Cedae admite que falta investimentos na ampliação das redes de coleta dentro dos bairros. O resultado está em rios como o Pavuna, um importante manancial que atravessa três cidades, sufocado pela sujeira.

“Para alterar o quadro de esgoto e água é necessário investimento, e investimento pesado. Sem isso, não há a menor hipótese, não há a menor chance de revertermos o quadro de saúde pública que passa o Brasil - e a Baixada Fluminense inclusa. No setor de coleta de esgoto e distribuição de água, não há nenhuma melhora significativa. No combate às cheias há alguma acontecendo. E há um estudo iniciando-se no Rio Guandu, que é o rio que fornece água para dez milhões de cariocas”, destaca Paulo Canedo, professor UFRJ/Coppe.

O RJ na Baixada também acompanhou outra questão que diz respeito ao meio ambiente. Em janeiro deste ano, a prefeitura de Duque de Caxias voltou a cobrar a taxa de

compensação ambiental. O valor cobrado das empresas que utilizam o Aterro Sanitário de Gramacho seria revertido em melhorias para o bairro.

A Comlurb se recusou a pagar. A empresa, responsável pela coleta no Rio, teve seus caminhões impedidos de entrar no lixão. Hoje, os veículos voltaram a utilizar a área, mas a decisão final ainda depende da Justiça. Quatorze mil toneladas de lixo são despejadas em Gramacho todos os dias.

Mas a região também abriga o maior patrimônio verde do estado do Rio de Janeiro: a reserva do Tinguá, que se espalha por seis cidades.

Um ano depois, lembramos a morte do ambientalista Dionísio Júlio Ribeiro. Considerado um grande defensor da reserva, Júlio foi assassinado em fevereiro de 2005 durante uma emboscada. Um caçador, que confessou o crime, foi preso.

Para intensificar o patrulhamento da área, a prefeitura de Nova Iguaçu prometeu criar uma guarda florestal para ajudar o IBAMA. O projeto ainda está sendo analisado.

Enquanto isso, moradores de São João de Meriti abraçam o único trecho de Mata Atlântica que restou na cidade: o Parque Jardim Jurema, que foi criado por decreto municipal e mostrado no RJ em maio do ano passado. Nossa equipe reencontrou a comunidade orgulhosa pela atitude de preservação.

Segundo o IBGE, São João de Meriti possui a maior concentração populacional do país. Mais de meio milhão de habitantes vivem num território de apenas 35 km². Com tanta gente, a natureza está quase extinta dentro da cidade. O Parque Jardim Jurema se estende por 13 bairros e é mesmo um pedacinho do paraíso.

“Esta área foi escolhida porque ela é, ainda, uma área ainda bem preservada. Ela é praticamente natural mesmo. Nós temos ainda mais umas quatro áreas, que são denominadas áreas de preservação, que com a criação do horto, que vai ser feito pelo IEF, nós vamos produzir por ano 30 mil mudas de árvores. E essas mudas serão distribuídas na cidade, nessas áreas de preservação”, afirma Vânia Wandekochen, subsecretária de Meio Ambiente.

Em relação aos reservatórios em Belford Roxo e Duque de Caxias, a Cedae informou que a previsão é que entrem em operação em dezembro desse ano. A companhia disse ainda que tem planos de recuperar a Estação de Tratamento de Esgoto Joinville. Mas não há data para início das reformas.

Transporte – Dia 29/04/2006

Quais são as dificuldades e as melhorias do sistema de transportes na Baixada Fluminense? Há muitas disparidades: bairros onde se anda de charrete e de bicicleta e áreas onde os transportes de massa ajudam muito a população.

Ela é quase um símbolo entre os moradores da Baixada. Para muita gente, a bicicleta é a solução para chegar ao trabalho ou levar os filhos à escola. O problema é que em bairros como Capivari, em Duque de Caxias, os ônibus não atendem os moradores como eles gostariam.

A equipe do RJTV esteve em Capivari no ano passado. A população reclamava da falta de linhas. Eram apenas duas: do bairro para o centro do município ou para a Central do Brasil, na cidade do Rio, e em poucos horários.

A situação não mudou. Hoje, em vez de esperar pelo transporte, a estudante Taciele Rodrigues prefere pedalar quase meia hora até o colégio da filha. “São poucos ônibus. A passagem, realmente, é muito cara. Por isso, eu tenho que ir de bicicleta”, comentou a estudante.

O Departamento de Transporte Rodoviário abriu licitação para novas linhas em novembro do ano passado, mas o processo foi interrompido por uma liminar judicial concedida aos donos das empresas de ônibus.

Charretes, com placa e tudo: ao todo, são 60, legalizadas pela prefeitura de Queimados. É a alternativa para evitar que milhares de pessoas andem a pé ou de bicicleta.

“É duro. A gente fica pedalando. Chego cansado. Depois, tenho que pegar uma condução lotada, pegar engarrafamento. Na volta, é um sacrifício para pegar ônibus na pista”, comentou o segurança Luiz Cláudio de Freitas.

Em Queimados, também há ônibus. No último ano, o número de linhas praticamente dobrou. Mas, em, pelo menos, dez bairros, só se chega puxado a cavalo.

Na Baixada, os problemas também atingem um dos meios de transporte mais populares: os trens. Os vagões são antigos, enferrujados, com portas quebradas. É a imagem do trem em Magé, administrado pela empresa Central Logística, do governo do estado. No ano passado, o RJTV embarcou junto com os moradores pra mostrar as dificuldades.

Hoje, além da precariedade, há apenas dois horários: pela manhã e no fim da tarde. Por isso, muita gente é obrigada a ir de ônibus e pagar o dobro do valor da passagem de trem.

Mas na maior parte dos lugares, a situação é diferente. Dos 13 municípios da região, 11 são cortados pelos trilhos. Ao todo, 500 mil pessoas passam pelas estações diariamente. Metade é transportada pelas composições da Supervia.

Segundo o engenheiro de tráfego da Supervia, José Carlos Leitão, nos últimos seis anos, o volume de passageiros na baixada aumentou 22%. Ele explica que, apesar da superlotação em alguns horários, o tempo de espera pelos trens foi reduzido.

“Na verdade, você tem um fluxo muito grande de pessoas durante um curto intervalo de tempo: duas horas ou duas horas e meia, dependendo da região de deslocamento. Essa grande massa gera engarrafamento, ônibus lotados, trens mais cheios. Mas as pessoas precisam entender que, primeiramente, o trem é mais rápido e ele é, efetivamente, um transporte de massa”, explica o engenheiro da Supervia, José Carlos Leitão.

Já no que diz respeito aos ônibus municipais, a população de Magé ainda sofre. No município, há uma empresa percorrendo apenas 6 das mais de 30 localidades. Esses e outros problemas foram enumerados em uma pesquisa feita pelo Instituto de Desenvolvimento e Informação de Transporte.

O estudo concluiu que, nas comunidades pobres, as poucas linhas disponíveis impedem as pessoas de chegar ao trabalho, em primeiro lugar; em segundo, de procurar emprego; depois, de ter acesso ao lazer; e ainda de buscar tratamento de saúde.

A pesquisa foi feita nas capitais e nas maiores cidades do país e mostrou que, de modo geral, a população que ganha menos de três salários-mínimos praticamente não consegue utilizar o transporte por dois motivos: o primeiro é o preço da passagem, considerado alto por muita gente; segundo, a falta de linhas, já que, em muitas comunidades pobres, o transporte não chega.

“Os ônibus não têm horário. Quando três carros quebram, você fica quatro horas esperando um outro ônibus passar, e ele não passa. Com isso, você perde o emprego, porque você chega atrasado. A passagem também é cara. É complicado de morar na Baixada”, reclamou um jovem.

A Secretaria de Transportes de Queimados informou que vai fazer uma fiscalização na semana que vem para verificar se as empresas de ônibus estão cumprindo os horários.

Sobre as reclamações dos moradores do bairro Capivari, em Duque de Caxias, a Secretaria de Serviços Públicos do município informou que os técnicos constataram que não há necessidade de se criar novas linhas de ônibus para aquela área.

Quanto a Magé, a prefeitura informou que aguarda uma licitação do Departamento de Transportes Rodoviários (Detro) para a instalação de novas linhas de ônibus.